



Teologia Brasileira

Nº 102 | 2024 ISSN 2238-0388

Iniciação cristã na igreja antiga e o desenvolvimento do catecumenato <i>Juan de Paula</i>	4
Por uma ética cristã em um mundo líquido <i>Thiago Rafael Vieira</i>	12
A hermenêutica de Jerônimo: reflexões para a exegese e hermenêutica atual a partir de um pai da igreja <i>Marcelo Luiz Tavares</i>	23
O papel da meditação na formação do imaginário puritano: uma análise em <i>O Peregrino</i> <i>Emanuel Malinoski</i>	38
<i>Lançamentos</i>	54



VIDA NOVA

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplem a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Editor:

Franklin Ferreira

Revisão:

Eliel Vieira

Produção editorial:

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação:

Sandra Reis Oliveira

Contato:

teologiabrasileira@vidanova.com.br

Editorial

Nesta edição, Juan de Paula aborda o desenvolvimento da catequese na Igreja Antiga.

Thiago Vieira destaca a fluidez do mundo contemporâneo e contrasta-a com a sólida ética cristã que moldou nossa trajetória até aqui.

Marcelo Luiz explora a contribuição de Jerônimo na defesa da unidade da revelação contra as heresias, além de sua aplicação de textos antigos a leitores modernos por meio da alegoria.

Por fim, Emanuel Malinoski analisa o papel da meditação na formação do imaginário puritano, com uma análise de O Peregrino de John Bunyan.

Além disso, disponibilizamos uma apresentação realizada durante a Semana Teológica no Projeto Água da Vida, em Niterói. No vídeo, Franklin Ferreira fala sobre a justificação de pecadores.



Assista ao vídeo!

Iniciação cristã na igreja antiga e o desenvolvimento do catecumenato

Juan de Paula



Franklin Ferreira salienta em uma palestra que a catequese é uma arte perdida e necessita ser recuperada no ministério pastoral. Em sua fala, afirmou que a catequese era muito usada pelos pais da igreja¹ para proteger a integridade doutrinária e a disciplina da igreja.²

Em seu texto, Flávio de Paula diz: “desde os primórdios, a igreja cristã faz uso do ensino catequético, ocasiões em que os convertidos eram instruídos nas doutrinas fundamentais da fé cristã antes mesmo do batismo.”³ Na mesma perspectiva do tempo, porém aplicado a educação cristã, Matos escreve:

¹“Nos primórdios da igreja cristã, os responsáveis por conduzi-la na ortodoxia ficaram conhecidos como pais da igreja.” Franklin Ferreira, *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais* [publicado por Vida Nova], p. 33.

²Veja a palestra de Franklin Ferreira: *O exemplo dos heróis da fé — vocação, formação e serviço*. A palestra foi ministrada na Semana Teológica Água da Vida em Niterói (RJ) entre os dias 25 a 30 de maio de 2015. Veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=wUe4XLiXboQ>. Acesso em: 02/07/2018.

³Flávio de Paula Oliveira, *Catequese: o uso de catecismos na instrução da igreja* (Curitiba: Faculdade Batista do Paraná, 2016), p. 12. Trabalho não publicado.

Desde o início os cristãos valorizavam a educação como meio de preservar e transmitir com fidelidade a herança cristã. Como ocorria entre os judeus, os principais recursos para esse fim eram os lares e as comunidades de fé. Com o passar do tempo, surgiram novas formas educacionais, a começar da catequese para os aspirantes ao batismo.⁴

O escopo deste trabalho visa o desenvolvimento da prática da catequese na Igreja Antiga, e, para tal, é necessária a definição dos conceitos antes da dissertação do fenômeno. Grenz, Guretzki e Nordling definem a catequese como “processo de ensino das crenças cristãs básicas e do conteúdo das Escrituras tanto para a criança criada na igreja como para o novo convertido ao cristianismo.”⁵

Erickson define o verbete “catecúmeno” como “aquele que recebe a instrução sobre a fé cristã antes do batismo.”⁶ E em outro verbete, “catequista” como “aquele que dá instruções sobre a fé cristã.”⁷ Quanto à origem do termo e sua relação com as Escrituras Sagradas, Siqueira escreve:

Os termos “catequese”, “catecumenato”, “catequista” e correlatos são derivados etimologicamente do verbo grego *katechein*, que significa “soar de cima”. Referia-se originalmente à voz do ator no teatro. Assumiu depois o significado de “dar notícia”, “informar”, “instruir”.⁸

No *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*, a catequese é definida:

Depois da proclamação do *kerigma*, a tarefa das comunidades cristãs foi a de preparar os futuros crentes através de uma instrução completa e essencial, visando ampliar e aprofundar ao mesmo tempo os elementos da Boa-Nova propriamente

⁴Alderí Souza de Matos, *Breve história da educação cristã*. Fides Reformata XIII, 2 (2008): 9-24.

⁵Stanley J. Grenz, David Guretzki, Cherith Fee Nordling, *Dicionário de teologia: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa* [publicado por Vida], p. 23.

⁶Millard Erickson, *Dicionário popular de teologia* [publicado por Mundo Cristão], p. 31.

⁷Ibidem.

⁸Juan de Paula Santos Siqueira, *O ministério pastoral e a catequese nas igrejas confessionais*. In. *A glória da graça de Deus: ensaios em honra a J. Richard Denham Jr. por ocasião dos 58 anos de ministério no Brasil* [publicado por Fiel], p. 452. Cf. Lc 1.4 e Gl 6.6.

dita. Tais instruções foram denominadas “catequese” (Egéria, Peregr.) do verbo *katecheo* = ensinar a viva voz, onde, no entanto, o ensinamento não é outra coisa senão o eco de uma palavra que já foi pronunciada: A Palavra de Deus.⁹

Nessa perspectiva, pode-se considerar que a catequese ou o ato de catequizar é uma forma de transmissão das boas novas do evangelho do Senhor Jesus Cristo, como também o ensino da Escritura Sagrada: “Neste sentido, a catequese é em primeiro lugar o eco da Palavra de Deus através da voz do catequista.”¹⁰

Tendo vários mestres como expoentes e sendo registrada nos livros e manuais de história da igreja, o exercício da catequese é, por excelência, o meio pelo qual os iniciantes do cristianismo, *neófitos*, eram inseridos na igreja, a comunidade da fé cristã. “Hipólito fala de uma instrução que era ministrada aos catecúmenos por um mestre durante três anos (Trad. Ap. 17-18). Enquanto isso, Eusébio (HE V, 9) nos informa a respeito da atividade catequética que era desenvolvida em Alexandria.”¹¹

Packer e Garrett chamam o catecumenato em desenvolvimento de “um tipo de escola da fé”¹² que acontecia “por vezes mais formal, por vezes menos — em que, durante os primeiros séculos do cristianismo novos crentes eram preparados para o batismo e, então, recebidos na vida plena da igreja.”¹³

Fazia-se necessário uma longa jornada de preparação para o batismo, com um tempo demorado de instrução. Esse fenômeno era contrário ao que é lido na narrativa inspirada do livro de Atos dos Apóstolos, pois “muitos dos convertidos que, na maioria dos casos, foram batizados quase que imediatamente após a sua profissão pública de fé.”¹⁴

O fenômeno de batismo rápido para uma instrução mais extensa ocorreu porque:

⁹Angelo Di Berardino, org., *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs* [publicado por Vozes], p. 273.

¹⁰Ibidem.

¹¹Ibidem, p. 274.

¹²J.I. Packer, Gary A. Parrett, *Firmados no evangelho* [publicado por Cultura Cristã], p. 58.

¹³Ibidem.

¹⁴Ibidem.

tornou-se cada vez mais comum que aqueles que vinham a crer em Jesus Cristo tivessem pouco conhecimento do Deus de Israel ou das Escrituras hebraicas e cristãs. Essas conversões eram jornadas verdadeiramente radicais que transformavam a vida e visão do mundo. Eram, portanto, experiências bem diferentes da maioria das conversões e dos batismos documentados pelo Novo Testamento.¹⁵

Para o novo convertido, o acolhimento das boas-novas era algo radicalmente diferente em sua vida e cosmovisão passada.

Ao passo que o evangelho se espalhava primariamente entre os povos gentios e pagãos, a igreja veio a considerar a conversão a Cristo como algo tão revolucionário que exigia um período significativo de instrução e treinamento em outras atividades espirituais antes da concessão ao batismo a um novo convertido. O desenvolvimento do catecumenato refletia essa visão.¹⁶

O tempo de preparação para o batismo e a formatação da catequese variava e se desenvolvia com o passar dos séculos. No segundo século, início da catequese, as práticas não eram iguais em todos os lugares; diferente no quarto século que cessou a perseguição e oficializou o cristianismo como religião do Império Romano. Neste período, a estrutura e a formalização do ministério eram mais evidentes e a catequese foi influenciada.

Sobre este tema Matos escreve:

Em vários lugares surgiram classes para catecúmenos, cuja instrução podia se estender até por três anos. Era um período de treinamento e de teste antes da aceitação plena na igreja. Os candidatos deviam passar por três estágios: “ouvintes” (interessados), “ajoelhados” (aqueles que permaneciam para as orações depois que os ouvintes se retiravam) e “escolhidos” (candidatos efetivos ao batismo). Após o batismo, havia instrução adicional sobre os sacramentos e outros tópicos.¹⁷

¹⁵Ibidem.

¹⁶Ibidem, p. 59.

¹⁷Alderí Souza de Matos, *Breve história da educação cristã*. Fides Reformata XIII, 2 (2008): 14.

Já no final do período da igreja antiga, conforme escrito anteriormente, com a organização e hierarquização do ministério pastoral e sua influência na catequese, a catequese era feita por um bispo ou pastor (presbítero), o que anteriormente acontecia com menos rigidez e mais informalidade.

“O líder [...] então entrevistava os ‘buscadores’ para conhecer a sua condição espiritual e os seus motivos para juntarem-se à igreja. Os padrinhos davam testemunho sobre a sinceridade e convicção dos buscadores.”¹⁸ Esses buscadores recebiam instruções sobre as doutrinas da fé, provavelmente também algum resumo das histórias redentoras da Bíblia, para posteriormente se tornarem catecúmenos. Eram os ouvintes da Palavra.¹⁹

Após a fase do aprendizado, o catecúmeno passava de ouvinte para agente da Palavra, crendo e vivenciando a fé cristã em todos os aspectos de sua peregrinação espiritual.

Nessa fase final da catequese, os candidatos ao batismo podiam ser chamados por vários nomes — *electi*, *illuminati*, *competentes* (“os qualificados”: nome comum no Ocidente) ou *photizomenoi* (“os iluminados”: nome comum no Oriente). Essa fase final era programada para corresponder ao período da Quaresma, uma época do ano marcada por reflexão e arrependimento em que os crentes se preparavam para as celebrações da Semana Santa [...] os *competentes* muitas vezes eram separados da congregação.²⁰

Antes do batismo e da Santa Ceia, os *competentes* recebiam instruções do Credo Apostólico e do Pai-Nosso para serem decorados em silêncio, recebendo o nome de *disciplina arcani* (disciplina do sigilo).

Entre a meditação “e o batismo, normalmente acontecia na ultima fase da catequese. Nesta, era incluída alguma instrução sobre os elementos do ritual do batismo que acontecia em poucos dias.”²¹ Havia divergência entre os expoentes da catequese e os pais da igreja sobre o ensino em relação ao batismo antes ou depois do ritual. Crisóstomos e Agostinho preferiam a catequese sobre o batismo

¹⁸J.I. Packer, Gary A. Parrett, *Firmados no evangelho*, p. 59.

¹⁹Ibidem.

²⁰Ibidem, p. 60.

²¹Ibidem, p. 62.

antecedendo ao rito, enquanto Cirilo de Jerusalém já optava pela catequese pós-batismo em perspectiva experimental do rito do sacramento (*mistagogia*).²²

Porém, havia um consenso entre eles:

O batismo era o sacramento da iniciação da igreja. Os batizados, que na época, naturalmente, tinham sido adultos pagãos, confessavam a decisão de aceitar as implicações deste batismo. Eram, então, batizados em nome de Cristo. Mais tarde foram acrescentados os nomes de Deus Pai e do Espírito Santo. Como não havia ainda explicações paralelas, estava-se no domínio da fé e da liturgia e não da teologia.²³

Naturalmente, o autor citado acerta quanto ao consenso sobre o batismo como sacramento de iniciação e o desenvolvimento da percepção trinitária para o ritual, porém equivocadamente exclui a teologia do chamado domínio litúrgico, contrariando o fenômeno exposto neste trabalho de catequese como exposição teológica paralela ao rito.

O conceito de iniciação, usado neste trabalho como sinônimo de catequese, vem do latim *initiare*, sendo um termo que não aparece em registro antes do século 2.²⁴ “Nos séculos 2 e 3, os apologistas cristãos criticam os interlocutores pagãos que comparam os ritos cristãos aos das religiões misteriosas.”²⁵

“O vocábulo da iniciação entra na comunidade cristã com a catequese, a começar do catecumenato organizado, em que os catecúmenos são separados dos fiéis, não conhecem tudo o que sabem sobre os batizados, e observam a disciplina do arcano.”²⁶ Portanto, é registrado que o verbete “iniciação cristã” coaduna com o desenvolvimento do catecumenato, por meio da catequese, na inserção dos *neófitos* nas comunidades cristãs.

²²Ibidem.

²³Paul Tillich, *História do pensamento cristão* [publicado por ASTE], p. 39.

²⁴Antonio Francisco Lelo, *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho* [publicado por Paulinas], p. 28.

²⁵Ibidem, p. 29.

²⁶Ibidem.

Referências bibliográficas

- BERARDINO, Angelo Di, org. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs* (Petrópolis: Vozes, 2002). Tradução de: Cristina Andrade.
- ERICKSON, Millard. *Dicionário popular de teologia* (São Paulo: Mundo Cristão, 2011). Tradução de: Emerson Justino.
- FERREIRA, Franklin, org. *A glória da graça de Deus: ensaios em honra a J. Richard Denham Jr. por ocasião dos 58 anos de ministério no Brasil* (São José dos Campos: Fiel, 2010).
- _____. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais* (São Paulo: Vida Nova, 2013).
- _____. *O exemplo dos heróis da fé — vocação, formação e serviço*. Palestra ministrada na Semana Teológica Água da Vida em Niterói (RJ) entre os dias 25 a 30 de maio de 2015. Veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=wUe4XLiXboQ>
- GRENZ, Stanley J; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa* (São Paulo: Vida, 2000). Tradução de: Josué Ribeiro.
- LELO, Antonio Francisco. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho* (São Paulo: Paulinas, 2005).
- MATOS, Alderi Souza de. *Breve história da educação cristã*. Fides Reformata XIII, 2 (2008): 9-24.
- OLIVEIRA, Flávio de Paula. *Catequese: o uso de catecismos na instrução da igreja* (Curitiba: Faculdade Batista do Paraná, 2016). Trabalho não publicado.
- PACKER, J.I.; PARRETT, Gary A. *Firmados no evangelho* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012).
- TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão* (São Paulo: ASTE, 2007).



Juan de Paula

Sobre o autor

Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB) com convalidação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-Graduado especialização em Teologia e Ministério Pastoral pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Coordenador de Teologia na Faculdade Legacy Internacional. Professor de Teologia no Seminário do Sul, no Seminário Martin Bucer e na Uniatitude. Pastor na Igreja Batista do Redentor no Rio de Janeiro. Casado com Eulina Seda.

origina desses impulsos. O ser intuitivo acessa um conhecimento esotérico, visto que não é comprovado pela razão e pela ciência, mas possui uma aura que o torna verdade por si só. É a nova alquimia em contraste com a química, ou a astrologia em contraste com a astronomia. A astronomia (razão) apenas vislumbra a sombra do universo, pois está confinada em seus métodos racionais. Da mesma forma, a ação humana precisa ser liberada de qualquer valor moral para que possa acessar a iluminação e, assim, alcançar esse tal “progresso”.

É possível perceber isso em todos os aspectos do século atual: desde o “politicamente correto”, que critica qualquer ato ou ação humana que não se ajuste ao espírito intuitivo iluminado, até os movimentos de grupos minoritários que utilizam todos os recursos possíveis, inclusive a ordem jurídica estabelecida, para “libertar” o ser humano de suas restrições morais, em todas as suas dimensões. Um olhar mais atento nos remete ao Éden, quando Satanás ofereceu a iluminação e a elevação ao homem, por meio do acesso ao conhecimento do bem e do mal. Ou ainda ao próprio gnosticismo, agora com uma roupagem moderna. Por isso, é tão importante falar sobre ética, especialmente a ética cristã, que moldou o Ocidente.

Nesse sentido, é necessário refletir sobre os aspectos práticos da ética cristã e, assim, compreender que seu elemento moral formativo alcança todas as áreas de nossa vida, seja ela particular ou social. O dualismo sagrado/secular é próprio do gnosticismo e é utilizado como ferramenta para o novo gnosticismo. Ou seja: *“viva sua vida moral e religiosa em casa (no privado); fora dela, seja um cidadão do mundo, um cidadão iluminado”*. Essa divisão visa destruir a ética, que é o elo que une a sociedade. Sem a ética cristã, o ser humano perde o contato com o outro e, por fim, torna-se um mero autômato, controlado pelos “iluminados”, detentores de um conhecimento secreto e progressista no qual o indivíduo, no final das contas, perde sua identidade nacional, cultural, vocacional e/ou de gênero.

No entanto, todas as ações humanas realizadas ao longo da vida estarão de acordo ou em desacordo com a vontade de Deus, revelada pessoalmente nas Escrituras e testada ao longo dos últimos três mil anos, como a matéria-prima que moldou a atual estrutura social, de forma direta ou indireta. A ética cristã não é dualista e compreende a importância do sagrado e do material, pois o homem é um cidadão de duas cidades, nas palavras de Agostinho de Hipona. A separação entre o sagrado e o secular, além de essencialmente gnóstica e “progressista” no sentido gnóstico do termo, se traduz em uma afirmação clara de que existem áreas

sobre as quais os valores morais cristãos não exercem impacto ou relevância, ou seja, que a ética a ser seguida é intuitiva, irracional e fundamentada em um conhecimento iluminado, para não dizer esotérico.

O objetivo geral deste texto é destacar o mundo fluido em que vivemos, contrastando-o com uma ética sólida que nos trouxe até aqui: a ética do cristianismo. Como objetivos específicos, abordaremos questões específicas, como música e sexualidade, com base nos insights de Walter C. Kaiser Júnior em sua obra *O cristão e as questões éticas da atualidade*, considerando-os como fatores que promovem a liquidez da sociedade atual e, conseqüentemente, o enfraquecimento de qualquer tipo de ética. Aqui, vale ressaltar o termo “liquidez” utilizado no título deste texto: seguindo a linha do clássico de Zygmunt Bauman, podemos dizer que estamos descrevendo uma sociedade marcada pela liquidez, volatilidade e fluidez em suas relações.¹ Essa volatilidade e fluidez têm o poder de fazer desaparecer entre nossos dedos tudo aquilo que construiu o Ocidente e está diretamente relacionado aos valores e à ética cristã.

O problema que se apresenta é: “como recuperar os valores que nos trouxeram até aqui em um mundo cada vez mais volátil ou líquido?” Nossa resposta é cristã. É possível viver o cristianismo em um mundo plural e até mesmo usá-lo como base para este mundo. Em poucas palavras, tentaremos desenvolver este argumento.

1. A (falta da) Bíblia na vida humana

Kaiser demonstra como a Bíblia responde a cada área da vida humana e dos relacionamentos, selecionando questões importantes da sociedade contemporânea: “A ética bíblica começa com a iluminação das Escrituras: ‘Tua palavra é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho’ (Sl 119.105). Desse modo, para os cristãos, a ética bíblica é uma reflexão sobre a conduta e as ações humanas com base na perspectiva do nosso Senhor apresentada nas Escrituras Sagradas”.² Os valores constantes da Bíblia orientam a vida em comunidade a partir da liberdade individual exercida com solidariedade ao próximo, afastando-se de um pragmatismo

¹Zygmunt Bauman, *Modernidade líquida* [publicado por Zahar].

²Walter C. Kaiser, *O cristão e as questões éticas da atualidade: um guia bíblico para pregação e ensino* [publicado por Vida Nova], p. 10.

utilitarista ou do individualismo exacerbado, conforme afirmado por Alexis de Tocqueville em *A democracia na América*.

Ao tratar dos meios de comunicação, entretenimento e pornografia,³ Kaiser disserta sobre uma geração que nasce com as tecnologias desenvolvidas e com um pensamento filosófico muitas vezes adverso à cosmovisão cristã e aos valores morais que moldaram o *ethos* em que vivem. Esse *ethos* foi cultivado ao longo dos últimos três mil anos e pode ser facilmente verificado como condição essencial para o florescimento humano, como muito bem desenvolvido por Christopher Dawson em suas obras: *Dinâmicas da história do mundo*, *Progresso e religião: uma investigação histórica* e *Criação do Ocidente: a religião e a civilização medieval*. “Foi essa consciência sobre seu caráter único e sua missão que o cristianismo deveu seus poderes extraordinários de expansão e conquista que revolucionaram todo o desenvolvimento da civilização ocidental”,⁴

Em contrapartida, quando a influência cristã é refreada ou rechaçada, os efeitos são percebidos em larga escala: nas escolhas, comportamentos, saúde mental, relacionamentos, taxas de suicídio, qualidade de governos e no crédito atribuído às instituições.

Retornando ao tema da tecnologia, percebe-se que a plataforma digital é parte integrante do cotidiano das crianças desde os primeiros anos de vida. Na maioria dos casos, essa exposição aos eletrônicos é desenfreada, ausente de qualquer filtragem e supervisão por parte dos pais, que preferem a tranquilidade de uma criança hipnotizada à responsabilidade de ensinar valores morais aos filhos. Além disso, temos crianças e adolescentes submetidos a uma cultura de revolução afetiva, na qual os sentimentos são mais valorizados do que a razão. Destaca-se também a imensidão de conteúdo preparado para diminuir a capacidade intelectual dos telespectadores, além de afastá-los da ética cristã.

Diferentemente do legado luterano, por exemplo, presente nas músicas de Bach (fruto da redefinição que Lutero promoveu no cântico congregacional), as músicas mais tocadas nas rádios são carentes de variações, com um volume altíssimo produzido artificialmente e que exaltam a sensualidade, promovendo nada mais, nada menos que a degradação intelectual dos ouvintes, com melodias e

³Ibidem, p. 71-86.

⁴Christopher Dawson, *Progresso e religião: uma investigação histórica* [publicado por É realizações], p. 195.

letras permeadas de gemidos, ruídos e outras cacofonias. Sendo a música um elemento fundamental para a formação do imaginário, percebe-se que grande parte da *música pop*, por exemplo, promove uma descambação na mente dos ouvintes, tornando-os incapazes de contemplar aquilo que é verdadeiramente belo, insensíveis à primazia da criação e conformados com músicas de quatro frases e dois gemidos que são repetidos “trocentas” vezes ao longo da playlist.

Na Bíblia Sagrada, a principal menção que encontramos sobre música está nos louvores como demonstração de gratidão a Deus pela salvação. Conforme Efésios 5.19, os louvores e cânticos são um fruto da luz, que não se confunde com as obras das trevas. Portanto, é possível assimilar que o conteúdo da música será bom de fato apenas quando refletir um bom desenvolvimento aos que escutam. No entanto, a música é apenas um dos componentes do deleite humano que está em decadência. Outro ponto destacado por Kaiser em sua obra — e com o qual concordamos — é o declínio do jornalismo.⁵ Muitas vezes, o jornalismo tem sido utilizado como meio de manipulação das massas, empregado como estratégia pelas elites de poder, que também são adeptas do humanismo deísta (a crença de que o homem é Deus sobre si mesmo) ou da iluminação esotérica mencionada na introdução.

Nesse sentido, o objetivo das fake news é moldar a opinião pública contra qualquer valor moral que remeta à ética cristã. A perseguição religiosa é omitida, a influência cristã — na política, educação e alcance dos Direitos Humanos — é tratada como algo prejudicial, sempre acompanhada de alguma notícia que induza o leitor a compartilhar da mesma aversão, anticristã e anticulto em sua natureza. A exposição excessiva a esse tipo de noticiário influencia a opinião dos telespectadores e leitores de tal forma que consolidem, em suas mentes e corações, a mesma aversão que a mídia destila sobre conteúdo digital e impresso.

Em Provérbios 12.22, encontramos a afirmação do amor de Deus sobre aqueles que falam a verdade e, inversamente, sua ira sobre aqueles que cultivam a mentira, a manipulação e, claro, as notícias falsas. A ética cristã abrange toda nossa maneira de viver, portanto, possui diretrizes específicas quanto à propagação de notícias: a verdade dos fatos é um compromisso ético que devemos buscar e ensinar aos nossos filhos. Além disso, é importante lembrar do ensinamento sobre o

⁵Walter Kaiser, op. cit., p. 74-6.

discernimento, conforme registrado no Evangelho de Mateus 10.16: devemos saber distinguir a verdade da mentira, buscar informações confiáveis e, então, emitir um juízo de valor, com equilíbrio e mansidão.

Além das crianças e adolescentes em desenvolvimento, os adultos também estão sujeitos à influência de notícias tendenciosas e músicas degradantes. Dessa forma, é crucial estabelecer um paradoxo entre: a) as práticas que corrompem a sociedade, com b) as virtudes que estão sendo continuamente perdidas diante de costumes que não apenas contradizem a noção básica de dignidade da pessoa humana, mas também a perspectiva cristã da vida humana.

Se não formos capazes de definir o que é bom para nós mesmos, não poderemos oferecer algo bom para os outros; é por isso que, ao nos expormos a certos vícios, prejudicamos não apenas a nós mesmos, mas também aos outros, sejam eles nossos próximos ou aqueles que não conhecemos. Podemos tratar as pessoas como se fossem objetos e alimentar uma sede pecaminosa.⁶ Nessa linha de pensamento, além da música e do jornalismo, a pornografia (e tudo relacionado a ela e influenciado por ela) traz consigo os perigos da violência sexual. Esses são elementos de mercado que promovem a objetificação do corpo e são fontes de uma indústria perversa que afeta mulheres, crianças e homens, desestabilizando ou até mesmo derrubando os pilares de uma sociedade.

Quando falamos em ética cristã, naturalmente entramos no campo da ética sexual. Evidentemente, por se tratar de algo relacionado ao nosso corpo, a ética sexual cristã visa a dignidade da pessoa humana. Além disso, essa ética reflete os padrões benevolentes de Deus e, portanto, deve ser observada e nunca mitigada. Como ensina P. Andrew Sandlin:

Rescindir a ética sexual cristã equivale a rescindir a Bíblia e sua cosmovisão [...]. Se um dos nossos princípios hermenêuticos é que só a Bíblia pode rescindir seus ensinamentos específicos (p. ex., o sistema sacrificial da antiga aliança), então a resposta à pergunta “A ética sexual cristã é obsoleta?” consiste em um sonoro

⁶Um exemplo dessa sede pecaminosa é explicado por Rushdoony, por meio do sadomasoquismo. Ele explica como o pensamento sadomasoquista ganhou influência direta e indireta nos hábitos sexuais das pessoas, mesmo se tratando de uma tese absurda, que envolve defesas como a validade da violência sexual. Para mais detalhes: Rousas John Rushdoony, *A política da pornografia* [publicado por Monergismo], p. 104-5.

não — essa ética, que nunca foi rescindida, não é antiquada, e devemos encarar o incontestável e claro ensino bíblico.⁷

Em Hebreus 13.14 encontramos a lição bíblica preliminar acerca da ética sexual, limitando o intercuro sexual ao casamento exclusivamente, sem exceção. Além dos benefícios sociais que a postura monogâmica promove — como civilizações mais fortes, redução no número de divórcios e melhor qualidade de vida para as crianças e adolescentes, conforme visto em Efésios 6.1-3 —, as Escrituras Sagradas demonstram que a relação familiar é essencial para orientar nossas escolhas ao longo da adolescência e juventude.

O padrão bíblico para a sexualidade condena a imoralidade sexual, que ocorre de várias maneiras, tanto no âmbito privado — através do consumo de material pornográfico, práticas sexuais fora do casamento e casos extraconjugais — quanto no âmbito público, quando somos negligentes na pregação do Evangelho, especialmente quando permitimos que a revolução sexual influencie o ensino bíblico e resulte em uma subsequente negligência ou subversão das determinações bíblicas. A resposta cristã ainda é a melhor alternativa para a construção de um mundo melhor, e devemos nos apegar a ela.

2. A resposta cristã

Deus nos oferece um modelo de comportamento que é objetivamente bom por duas razões: em primeiro lugar, por atender a determinação; e em segundo, por promover a valorização da pessoa humana. Ao condenar a sensualidade em 1Coríntios 6 através da escrita do apóstolo Paulo, percebemos um conjunto de padrões que compõem o arcabouço da santificação do corpo. Ali está a chave da ética sexual cristã, ou seja, qual a vontade de Deus na pauta da sexualidade para homens e mulheres.

Deus intervém nas relações humanas, condenando as práticas e ações que violem a dignidade sexual. A passagem da primeira carta paulina aos Coríntios é tão completa que ensina até sobre a reciprocidade no ato sexual, mostrando que quando o ato sexual está de acordo com o padrão bíblico, é um presente de Deus

⁷Andrew Sandlin, *A cosmvisão sexual cristã: a ordem de Deus na era do caos sexual* [publicado por Monergismo], p. 32-3.

para homens e mulheres. Trata-se da doutrina da união do cristão com Cristo, mostrando que tal união se estende para o nosso corpo físico, e que nossas práticas sexuais são um reflexo da nossa comunhão com Deus, não sendo um assunto que pode ser tratado separadamente da doutrina primária da santificação.

No mesmo sentido, a passagem de Efésios 6.1-3 trata sobre a necessidade dos filhos honrarem seus pais. As primeiras figuras de autoridade com as quais lidamos são nossos pais. Bons pais saberão orientar corretamente seus filhos sobre as músicas que escutam, o cônjuge com o qual vão se casar e o afastamento de práticas imorais. A Bíblia aponta responsabilidades para duas gerações: aos ascendentes, na correta orientação de seus filhos, e aos descendentes, na observância dos mandamentos de Deus sobre a cosmovisão sexual cristã. Aqui percebemos que as questões sexuais e comportamentais são uma pauta comunitária, que deve ser mediada por todos na comunidade de sangue — a família — e na comunidade de fé, a Igreja.

A Bíblia Sagrada não é negligente quanto às lutas sexuais que o homem pós-queda enfrenta, e por isso lista as principais dificuldades que enfrentamos, a fim de nos dar uma resposta. A Bíblia trata de problemas reais e oferece soluções. Nesse contexto, a lei e o evangelho de Cristo são essenciais. A lei para demonstrar aquilo que não devemos fazer, e o evangelho para promover o perdão dos pecados, inclusive dos sexuais, por meio do sacrifício salvífico de Jesus Cristo.

Além disso, o casamento, como a única forma válida do ato sexual, é o meio pelo qual a intimidade entre homem e mulher foi restaurada. As determinações presentes em Levítico 18 mostram qual é a essência das práticas sexuais proibidas pela vontade de Deus: são de corrupção, confusão e promoção de desordem. Deus preserva o seu povo por meio de seus desígnios consolidados nas Escrituras, que oferecem orientação e sabedoria para vivermos uma vida de acordo com a sua vontade.

Conclusão

A ética cristã tem como ponto de partida a lei moral de Deus, entregue a Moisés no Monte Sinai. Conhecida também como a lei das duas tábuas, possui na segunda tábua os mandamentos que guardam vinculação com o relacionamento entre as pessoas, ou seja, o relacionamento horizontal entre os seres humanos. Já a primeira tábua trata do relacionamento vertical do homem com Deus. Assim, a ética cristã alerta que esse deve ser o norte para todas as outras pautas de nossa vida: o

relacionamento vertical com o criador do universo, pai das luzes, redentor e santificador, e o relacionamento horizontal, de forma solidária (amor ao próximo) com os outros, visando sempre o bem comum, ou como diria Aristóteles: a *eudaimonia*.

O bom exemplo de cada um em ajudar o próximo é o que podemos chamar de melhor da ética cristã, que construiu o mundo em que vivemos. Lembrando sempre que apenas o esforço humano não é capaz de nos conduzir para uma vida sólida. Assim, retornamos para os conceitos base, na pregação da lei e do evangelho: uma prática que deve ser mantida e estruturada para descrentes e para os convertidos, já que a natureza humana decaída sempre buscará o desvio da vontade de Deus. Lembrando daquilo que está disposto no artigo 5 da Fórmula de Concórdia: “a distinção entre lei e evangelho, como luz especialmente gloriosa, deve ser mantida com grande diligência na igreja”.

A tentativa de muitos grupos de alienar a sociedade de qualquer valor moral e da ética construída a partir daí promoverá o caos e uma sociedade de zumbis. Lembrando do famoso seriado *The Walking Dead*, os zumbis viviam apenas pelo seu instinto primitivo e básico de se alimentar, em detrimento até mesmo de seu corpo. Uma pessoa totalmente alienada de uma ética mínima tende a dar vazão apenas aos seus impulsos do momento, em detrimento dos outros e de si mesma. Infelizmente, ela se aproxima dos zumbis de *The Walking Dead*.

Quando a sociedade perde qualquer senso ético fundamentado em valores mínimos, seguindo cegamente teorias esotéricas sem qualquer comprovação científica, mas construídas por processos de iluminação que não se sustentam socialmente em uma análise de duas ou três gerações, está à beira de ruir. Os sinais são claros: violência em níveis alarmantes, individualismo exacerbado, níveis de traição, corrupção e engano na família, nos negócios e na política cada vez maiores. A cultura acaba por se deteriorar: músicas sem criatividade e sem poesia, fundamentadas apenas no ritmo, e ainda um ritmo descompassado e repetitivo. A arte de maneira geral não retrata mais o belo e a verdade, mas sentimentos egoístas ou ideologias de grupos que buscam o poder. Um jornalismo dirigido pelo lucro, poder e pautas iluminadas, e, por fim, uma total corrupção do corpo e do sexo. O sexo deixa de ser uma parte integrante do ser humano para ser objeto de deificação, o que acaba resultando em traições, ódio, corrupção e individualismo, completando o ciclo da falência humana.

Apenas uma ética amarrada em valores morais mínimos de certo e errado

pode trazer e manter o vínculo de solidariedade que une os diferentes em uma sociedade política. Como diria Jacques Maritain, apenas o fermento do evangelho⁸ pode fazer uma sociedade política crescer em direção ao bem comum. Se quisermos que os fundamentos da República brasileira não se percam (I — a soberania; II — a cidadania; III — a dignidade da pessoa humana; V — os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e V — o pluralismo político), precisamos lembrar de nossas origens.

Referências Bibliográficas:

AGOSTINHO DE HIPONA. *A cidade de Deus* (Petrópolis: Vozes, São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014).

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida* (Rio de Janeiro: Zahar, 2000).

DAWSON, Christopher. *Criação do Ocidente: a religião e a civilização medieval* (São Paulo: É Realizações, 2016).

_____. *Dinâmicas da história do mundo* (São Paulo: É realizações, 2010).

_____. *Progresso e religião: uma investigação histórica* (São Paulo: É realizações, 2012).

KAISER, Walter C. *O cristão e as questões éticas da atualidade: um guia bíblico para pregação e ensino* (São Paulo: Vida Nova, 2016).

MARITAIN, Jacques. *O cristianismo e a democracia* (Rio de Janeiro: Editora Agir, 1945).

RUSHDOONY, Rousas John. *A política da pornografia* (Brasília: Editora Monergismo, 2018).

SANDLIN, P. Andrew. *A cosmovisão sexual cristã: a ordem de Deus na era do caos sexual* [Brasília: Editora Monergismo, 2017].

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América* (São Paulo: Folha de São Paulo, 2010).

VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. *A contribuição do cristianismo para a liberdade* (São Paulo: Zelo Editora, 2023).

⁸Jacques Maritain, *O cristianismo e a democracia* [publicado por Agir].



Thiago Rafael Vieira

Sobre o autor

Advogado; especialista em Direito do Estado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; especialista em Estado Constitucional e Liberdade Religiosa pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com estudos pela Universidade de Oxford (Regent’s Park College) e pela Universidade de Coimbra; especialista em Teologia e Bíblia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); mestrando em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor visitante da ULBRA. Membro do Conselho Editorial da Dignitas - Revista Internacional do Instituto Brasileiro de Direito e Religião. Presidente do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR. Colunista da Gazeta do Povo e outras revistas e sites. Presidente do sub-comitê da rede de apoio das entidades temáticas em Defesa e Promoção da Liberdade Religiosa da ALESP. Em 2019, foi um dos delegados do Brasil na Universidade de Brigham Young (Utah/EUA) no 26º Simpósio Anual de Direito Internacional e Religião, evento com mais de 60 países representados.

A hermenêutica de Jerônimo: reflexões para a exegese e hermenêutica atual a partir de um pai da igreja

Marcelo Luiz Tavares



Introdução

Os pais da igreja são normalmente associados com o uso da alegoria e apresentados como um exemplo histórico de como não se fazer exegese e hermenêutica hoje em dia. No entanto, é possível ter outra atitude ao se compreender o porquê da alegoria ter sido usada. Além disso, a alegoria vincula-se a outras práticas e atitudes que motivam sua utilização. Com isso, embora o intérprete atual possa não se utilizar das mesmas práticas, ainda assim, pode se valer das posturas subjacentes. Estas podem ser associadas a uma metodologia mais atual, desde que esta pressuponha valores semelhantes e congruentes com a postura dos pais, e que sejam atemporais e necessários. Para tal, Jerônimo é apresentado como um estudo de caso. Ele se utilizou principalmente da alegoria e chegou a ser até mesmo radical em sua abordagem. No entanto, o fez como parte de um conjunto de outras posturas e como consequência de outras, fato este que costuma ser desprezado ao se considerar este autor.

Breve histórico exegético

Jerônimo (c. 347-419 d.C.) é comumente situado entre os ocidentais, e pertencente à escola de Alexandria. É muito conhecido por sua tradução da Bíblia para o latim, a *Vulgata*. Esta foi produzida com base no texto hebraico do AT, da *Hexapla* de Orígenes, e com a inserção dos livros deuterocanônicos (BRAY, 2017, p. 91).

Além disso, ele também veio a traduzir as homilias de Orígenes sobre os profetas e o Cântico dos Cânticos. Posteriormente, veio a rejeitar a tradição alegórica (BRAY, 2017, p. 91). Por isso, seus comentários de Eclesiastes e Salmos refletem um momento em que ele apreciava Orígenes, enquanto o de Gênesis já se situa no momento de seu afastamento. Finalmente, o seu trabalho sobre os profetas menores e sobre o NT já refletem sua última posição (BRAY, 2017, p. 91-2). Ainda assim, sua rejeição ao alegorismo pode ter sido mais teórica do que prática (BRAY, 2017, p. 92). Talvez por isso Childs o considere como eclético em sua abordagem hermenêutica (CHILDS, 2004, p. 91). Jerônimo também comentou Mateus, as cartas paulinas e o Apocalipse (BRAY, 2017, p. 92), percorrendo diversos gêneros literários.

Além de Orígenes, ele também foi influenciado por classicistas romanos, como Donatus, tanto na filologia latina, quanto em estilo e retórica. Outras influências foram a escola alexandrina e de Antioquia (respectivamente Dídimo, Apolinário e os pais capadócius) (CHILDS, 2004, p. 91). E o próprio Jerônimo atesta ter sido educado por Gregório de Nazianzo (JERÔNIMO, 2015, p. 150).

Análise da prática interpretativa

And I beg you, Eustochium, Christ's virgin, that you help me by your prayers in the exposition of the very difficult vision in which God almighty is seen in his majesty [cf. Isa 6:1-2], and there are two seraphim standing around him and shouting, "Holy, holy, holy, Lord Sabaoth, all the earth is full of his glory" [Isa 6:3]; and the lintel of the temple was shaken and struck [cf. Isa 6:4]; and the house of the Jews was filled with the darkness of error; and in comparison with the divine glory, the prophet says that he has unclean lips and dwells in the midst of a blaspheming people [cf. Isa 6:5], who shouted in their impious union, "Crucify him, crucify him" [John 19:6]; and, "We have no king but Caesar" [John 19:15] (JERÔNIMO, 2015, p. 149).

Jerônimo pede que Eustochium o ajude por meio de orações, para que ele possa expor a passagem seguinte (Is 6). Assim, ele não concebe a interpretação bíblica como mero exercício intelectual, em que o ser humano pode compreender a revelação divina por suas próprias capacidades. Ao contrário, ele precisa do auxílio divino, buscado por meio da oração.

Ele também parece contrapor “glória” à “escuridão” do erro. Assim, a glória estaria de alguma forma ligada à verdade. E, se o erro levaria à impureza e blasfêmia associadas à rejeição de Cristo, a verdade levaria à santidade e reconhecimento a Cristo. Além disso, ele traça uma relação direta e alegórica entre a impureza de Isaías e seu povo com o clamor pela crucificação de Cristo e sua rejeição como rei, em prol de César. Logo, a revelação da verdade bíblica implica em conversão e santificação; já o escurecimento, em oposição. Neste caso, a exegese e a hermenêutica não dependem apenas de compreensões filosóficas, literárias, gramaticais e históricas. Contudo, eles dependem de questões espirituais que aparecem de modo determinante.

Estas questões espirituais parecem implicar para Jerônimo na alegoria como uma estratégia necessária para se alcançar um sentido espiritual. Certamente, Jerônimo se afasta do sentido literal, de modo por vezes indevido. Pois este é contraposto erroneamente ao espiritual.

Portanto, embora Jerônimo se mostre radical quanto ao uso da razão na exegese, ainda assim, ele contribui para a importância de se considerar a mesma como um ato espiritual, não meramente acadêmico. Ao se considerar que a exegese deveria servir à exposição das Escrituras e à edificação da igreja, não se pode negar a essência espiritual deste ato. Pois ela começa pela análise de um texto inspirado e fornece elementos que serão utilizados na santificação ou conversão promovidas pelo Espírito Santo, no momento do ensino ou da pregação. Logo, se o primeiro momento (revelação) e o último (santificação) são espirituais, então é de se esperar que os momentos intermediários também o sejam. Parece que não ter este entendimento poderia levar ao desprezo pela busca deste auxílio divino e, finalmente, à perda da compreensão mais acurada do texto bíblico.

No que se refere à tradução escolhida, Jerônimo se utiliza de diversas traduções existentes, especialmente a LXX (hoje conhecida como Old Greek, com exceção da tradução grega do Pentateuco): ‘And the things that were under him filled the temple, or as Theodotion and Symmachus translated it, “And the things

that were under his feet filled the temple.”The Septuagint translated this as, “And the house was full of his glory.” (JERÔNIMO, 2015, p. 150). Assim, ele não apenas manteve vivas tais traduções, mas mostrou a importância de se comparar traduções, a fim de se chegar à que melhor se ajusta ao sentido da passagem.

Mas como Jerônimo seleciona entre as diversas traduções e testemunhas textuais? Tratando sobre Isaías 6.9-10, ele começa por apresentar a leitura do OG que, nas suas palavras, afirma: “at God’s command the prophet Isaiah simply predicted what the people would do” (JERÔNIMO; WILKEN; CHRISTMAN; HOLLERICH, 2007, p. 85). No entanto, Jerônimo percebe que o texto hebraico

poses a difficult problem in the way that God directly commands the people to hear with their hearing, and not understand, and seeing, to see, but not perceive. And after the prophet is induced to speak and to beseech the Lord, God also instructs, “Make the heart of this people blind, and their ears heavy, and shut their eyes, lest they see with their eyes, and hear with their ears, and understand with their hearts, and turn and be healed.” (JERÔNIMO; WILKEN; CHRISTMAN; HOLLERICH, 2007, p. 85).

A seguir, ele reconhece que o OG tem testemunhas que seguem a mesma forma do texto hebraico e, escolhendo o texto hebraico, procura então interpretar a passagem alegoricamente. Após citar o texto de Romanos 11 (sobretudo os v. 25-32), ele defende que Isaías 6.9-10 anuncia “that one people should perish so that all might be saved—for part of the Jews not to see, so that the whole world might perceive” (JERÔNIMO; WILKEN; CHRISTMAN; HOLLERICH, 2007, p. 85-6).

Portanto, não parece ser simplesmente que o TM seja mais reconhecido que o OG, mas que a unidade das Escrituras ajuda a selecionar não só o sentido da passagem, mas também a testemunha textual a ser utilizada. De fato, não há nenhuma tentativa de explicar as diferenças entre estas testemunhas, nem outro critério utilizado neste caso. Embora as abordagens críticas mais atuais tenham desenvolvido critérios sólidos para as mesmas, ainda parece salutar considerar a unidade da revelação na crítica textual. Pois o mesmo Espírito inspirou a “toda a Escritura” (2Tm 3.16, ARA). Logo, há de se considerar o desafio de interpretar as Escrituras sem apelar para contradições aparentes e simplistas. Talvez isso possa ser feito sem o uso de alegoria, mas sim com as outras “ferramentas” exegéticas

atualmente existentes. Por trás desta tentativa, o mesmo princípio de Jerônimo pode nortear a hermenêutica atual: de que as contradições nas Escrituras são apenas aparentes (JERÔNIMO; WILKEN; CHRISTMAN; HOLLERICH, 2007, p. 85).

Além disso, Jerônimo revela que ele valoriza mais o sentido da passagem do que a tradução literal: “For I myself not only admit but freely proclaim that in translating from the Greek (except in the case of the holy scriptures where even the order of the words is a mystery) I render sense for sense and not word for word” (JERÔNIMO; SCHAFF; WACE, 1893, p. 113). Assim, Jerônimo parece dar mais importância ao significado geral que possa ser compreendido pelo leitor do que a exatidão literal.

No que se refere ao contexto histórico da passagem, Jerônimo não o despreza. Mas ele também se utiliza do mesmo alegoricamente. Por exemplo, ao comparar Isaías 6 com outra porção das Escrituras, a fim de estabelecer seu contexto histórico, ele registra: “Sacred history relates that Uzziah was struck with leprosy, because he laid claim to an unlawful priesthood for himself [cf. 2 Chr 26:16–21]” (JERÔNIMO, 2015, p. 150). Mas logo a seguir, ele aplica o próprio contexto aos seus leitores, por meio da alegoria: “From this we observe that while a leprous king is reigning within us, we are not able to see the Lord reigning in his majesty, nor are we able to recognize the mysteries of the Holy Trinity” (JERÔNIMO, 2015, p. 150). Logo, não só a passagem em questão pode ter um sentido espiritual, mas o próprio fato histórico à que ela alude também pode tê-lo. Nisso se vê que o sentido espiritual parece não concorrer com a realidade factual, mas se encontrar justamente nela. Apesar de recorrer ao contexto histórico — expõe Childs — Jerônimo acredita que o contexto pleno depende do Novo Testamento (CHILDS, 2004, p. 96).

Portanto, uma mesma atitude parece se repetir nos vários passos exegéticos. Pois tanto no que se refere à tradução, quanto à contextualização e interpretação, o significado literal é preterido em favor de um sentido que seja mais compreensível e aplicável ao interlocutor, com vistas a conduzir o mesmo a Deus e à vida com ele.

Certamente, esta atitude possa ser extrema em alguns casos, o que levaria a exegetas atuais a terem cautela para não cair nos mesmos excessos. No entanto, Jerônimo contribui com a consideração de que a exegese e a hermenêutica não

têm como finalidade a extração bruta de um conhecimento. Ao contrário, a finalidade seria a exposição daquilo que seja aplicável à vida dos interlocutores, com base na plenitude da revelação. Além disso, tal aplicação seria determinada pelo aspecto espiritual do processo: levar à verdade salvífica e, portanto, transformadora. Não que a salvação e santificação sejam adendos ao processo. Mas, antes, partes inerentes dele, uma vez que o fundamentam, perpassam e são a finalidade do Espírito Santo, no momento em que os resultados deste processo são apresentados publicamente.

No entanto, Jerônimo não parece usar alegorias de modo arbitrário. Antes, ele procura se apoiar no seu entendimento da revelação bíblica, como também ao dizer:

Now in John the Evangelist and in the Acts of the Apostles we learn more fully who is this *Lord* who is seen. John says of this, “Isaiah said this when he saw his glory and spoke about him” [John 12:41], doubtless signifying Christ (JERÔNIMO, 2015, p. 150).

Assim, o reconhecimento da unidade das Escrituras se daria por meio do sentido espiritual. Essa abordagem é especialmente útil para se tentar superar aparentes contradições bíblicas:

Someone may ask how the prophet can say now that he has *seen the Lord*, not the Lord without qualification, but the *Lord Sabaoth* [cf. Isa 6:5], as he himself testifies in what follows, although John the Evangelist has said, “No one has ever seen God” [John 1:18; 1 John 4:12], and God says to Moses, “You cannot see my face, for no man will see my face and live” [Exod 33:20]. We will respond to this that fleshly eyes are not able to see not merely the divinity of the Father, but not even that of the Son and the Holy Spirit, since the nature in the Trinity is one. But the eyes of the mind [can see him], of which the Savior himself says, “Blessed are the pure in heart, for they will see God” [Matt 5:8]. We read that the Lord of Abraham was seen under the figure of a man [cf. Gen 18:1–3], and a man, as it were, who was God, wrestled with Jacob. This is why the place itself was called Penuel, that is, face of God [cf. Gen 32:24–30]. He says: “For I have seen God face to face and my soul was saved” [Gen 32:30]. Ezekiel too saw the Lord in the form of a man sitting over the cherubim; from his loins and below

he was like fire and the upper parts had the appearance of amber [cf. Ezek 1:26–27]. Therefore, the nature of God is not discerned, but he is seen by men as he wills (JERÔNIMO, 2015, p. 151).

Portanto, ele não apela para as possíveis diferenças de contextos literários e históricos, ou para as diversas motivações dos diferentes autores bíblicos, como outros autores de hoje poderiam fazê-lo. Mas Jerônimo apela para uma mesma realidade espiritual que estaria passando todos eles. Ele então contrasta os olhares da carne e da mente, sendo aqueles os da vontade humana, e os últimos guiados segundo o arbítrio divino.

Ironicamente, nesta abordagem se encontram, ao mesmo tempo, tanto uma contribuição, quanto uma limitação de Jerônimo. Sua contribuição é ver a unidade na revelação. Pois, para ele, não parece haver quaisquer divisões de épocas, dispensações ou alianças. Ou se elas existem, não são tão importantes a ponto de diminuir esta unidade. No entanto, aqui também se encontra a limitação de ter as diferenças e especificidades de diversas passagens bíblicas e seus respectivos contextos apagadas ou, ao menos, diminuídas.

Porém, a alegoria não é sempre utilizada da mesma maneira. Em outra seção de seu comentário sobre Isaías 6, Jerônimo demonstra se colocar em debate com outros autores:

Therefore a certain individual impiously understands the two seraphim to be the Son and the Holy Spirit,⁶ since we teach according to John the Evangelist and the Apostle Paul that the Son of God was seen in the majesty of one reigning, and that the Holy Spirit spoke. Some of the Latins understand the two seraphim to be the Old and New Testaments (*instrumentum*), which speak only of the present age (JERÔNIMO, 2015, p. 153).

Inicialmente, ele está confrontando Orígenes. Pois se refere à mesma “heresia” em uma de suas cartas:

Origen is a heretic, true; but what does that take from me who do not deny that on very many points he is heretical? He has erred concerning the resurrection of the body, he has erred concerning the condition of souls, he has erred by supposing it possible that the devil may repent, and—an error more important

than these—he has declared in his commentary upon Isaiah that the Seraphim mentioned by the prophet are the divine Son and the Holy Ghost Ghost (JERÔNIMO; SCHAFF; WACE, 1893, p. 131-132).

A seguir, ele talvez esteja se inserindo no grupo dos latinos. Pois ele mesmo defende em uma de suas cartas que ‘the two seraphim thus stand for the Old and New Testaments’ (JERÔNIMO; SCHAFF; WACE, 1893, p. 22), unindo mais uma vez os Testamentos. Desta forma, Jerônimo não se coloca como um autor isolado, mas parte de uma comunidade maior. Por sua vez, esta comunidade também se insere num corpo maior. Logo, Jerônimo também contribui à hermenêutica e exegese contemporâneas ao revelar a importância de se ver o expositor bíblico como parte de uma comunidade e discussões maiores, não apenas alguém que emite impressões individualistas num vácuo contextual. Neste sentido, há um dever pastoral no intérprete: ajudar seus interlocutores a superar heresias e erros teológicos.

Seguindo a postura de Jerônimo, os intérpretes atuais deveriam ajudar seus leitores a se afastar dos falsos ensinamentos mais do que procurar por inovações teológicas e exegéticas. Além disso, devem aceitar que fazem parte de uma comunidade em meio a outras comunidades, sem banalizar sua tradição. Isso não quer dizer necessariamente que a tradição da comunidade em questão deva ser absoluta. No caso acima, a discussão é sobre o Filho ser Deus ou uma criatura. Embora esta discussão tenha perdurado na história, ainda assim, ela contava com inúmeras comunidades que sustentavam a primeira alternativa. Sendo assim, Jerônimo discute com base em uma tradição bem estabelecida. Portanto, a exegese não é um exercício solitário, mas serve à comunidade do povo de Deus. Ela não é soberana sobre a doutrina, nem é acriticamente submissa a ela. Mas a questiona e é questionada por ela.

Percebe-se também que uma alegoria “herética” não torna, aos olhos de Jerônimo, a abordagem alegórica deficiente ou digna de ser descartada. Pois ele combate o que crê ser uma alegoria herética com outra alegoria. O que parece distinguir uma de outra seria a doutrina cristã. Assim, a exegese não seria um processo puramente indutivo, mas também dedutivo. Novamente, é fundamentando-se na unidade das Escrituras que a medida para se escolher uma tendência mais indutiva ou dedutiva seria encontrada. Portanto, seria estranho ao pensamento de

Jerônimo contentar-se com um achado indutivo que contraria a *sã doutrina*. Ao seu ver, parece que tal situação se daria num erro do processo indutivo em questão. No entanto, pode-se afirmar que a dedução não pode também ser pura, uma vez que cada passagem teria suas particularidades e usos próprios. E a dedução pura acabaria por sufocar tais particularidades e usos.

Assim, o processo exegético não é soberano, apesar de ser de extrema importância, mas se relaciona com a *sã doutrina*. Se, por um lado, isso possa parecer impedir o progresso teológico, por outro, previne que um desvio absurdo possa ser aclamado. Embora a comunidade cristã ainda debata muitos tópicos, ela conta com um *corpus* fundamental, que perpassa diferentes comunidades e as torna parte de um mesmo corpo.

Contudo, não são apenas questões mais teóricas que são lidadas com o uso da alegoria. Jerônimo também aplica o sentido não literal para questões de ordem mais prática. Assim, ele incentiva Eustochium a permanecer virgem comparando a virgindade de uma mulher com a situação de Israel. Embora não se trate de um sentido voltado à pessoa de Cristo, trata-se de uma aplicação que não parece ser o sentido literal de Amós 5.2 em vista:

See to it that God say not some day of you: "The virgin of Israel is fallen and there is none to raise her up." I will say it boldly, though God can do all things He cannot raise up a virgin when once she has fallen. He may indeed relieve one who is defiled from the penalty of her sin, but He will not give her a crown (JERÔNIMO; SCHAFF; WACE, 1893, p. 24).

Portanto, Jerônimo traz a contribuição de estabelecer aplicações práticas e doutrinárias com base em passagens que talvez não fossem utilizadas por outros autores. Isso possibilita imaginar a aplicabilidade de uma passagem além do óbvio.

Certamente, o teólogo atual deve tomar cuidado para não fazer aplicações que sejam claramente incoerentes com a passagem utilizada. No entanto, a postura de Jerônimo pode fornecer um estímulo que favoreça a busca de implicações de uma passagem para questões não diretamente ligadas a um texto. Quando se considera o fato dos interlocutores atuais viverem em outra época e em outro contexto, em relação ao do texto bíblico original, percebe-se esta necessidade.

Se a Escritura é a Palavra universal dada à Igreja e esta perpassa muitas épocas e contextos, então toda a Escritura terá algo a dizer a todos os contextos e épocas. Isso não quer dizer que o modo por vezes indiscriminado que Jerônimo usa certas passagens possa ser adotado. Mas que as implicações de uma passagem tem tanto valor para o povo de Deus quanto as aplicações mais óbvias e diretas.

No entanto, é preciso reconhecer que o método de Jerônimo não pode ser acatado de maneira acrítica. Pois ele muitas vezes abandona quaisquer possibilidades de interpretações que discutam o sentido de uma passagem para os seus primeiros leitores. Por exemplo, ele recorre a Eclesiastes em suas discussões contra os pelagianos:

They, therefore, who say that a man can be without sin if he chooses, will not be able to prove the truth of the assertion, unless they show that it will come to pass. But whereas the whole future is uncertain, and especially such things as have never occurred, it is clear that they say something will be which will not be. And Ecclesiastes supports this decision: "All that shall be, has already been in former ages." (JERÔNIMO; SCHAFF; WACE, 1893, p. 452).

Logo, para comprovar que uma pessoa pode viver sem pecar, os pelagianos deveriam provar que será deste modo. Mas Jerônimo recorre ao livro de Eclesiastes numa passagem que, em seu contexto, não parece se referir ao pecado. Para tanto, o sentido literal é deixado de lado em favor de um sentido mais apropriado para a discussão (JERÔNIMO; SCHAFF; WACE, 1893, p. 452).

Contrapondo a alegação pelagiana de que somos governados por nosso livre-arbítrio, Jerônimo também recorre a João 3.27. Nessa resposta, ele isola o versículo de seu contexto literário, em que João Batista afirma que Jesus é superior a ele, pois isso lhe foi dado por Deus. Mas Jerônimo usa esta frase para falar do auxílio divino nas ações humanas em geral:

In another place you maintain that "All are governed by their own free choice." What Christian can bear to hear this? For if not one, nor a few, nor many, but all of us are governed by our own free choice, what becomes of the help of God? And how do you explain the text [...] "No one can receive anything, unless it be given him from above"; [...] Elsewhere, you make a vain attempt to append the words "not without the grace of God"; but in what sense you would have them

understood is clear from this passage, for you do not admit His grace in separate actions, but connect it with our creation, the gift of the law, and the power of free will (JERÔNIMO; SCHAFF; WACE, 1893, p. 462).

Novamente, Jerônimo chega a desprezar o sentido literal, quando comenta sobre Eclesiastes 3.5. Em seu lugar, ele aplica a passagem ao evangelho sendo pregado aos gentios. Para tal, ele relaciona a passagem com Mateus 3.9. Assim, ele usa o NT como uma lente interpretativa do AT:

I am surprised at a scholar's ridiculous comment on this passage that Solomon is talking about house-building and demolition, on the grounds that people do sometimes demolish and sometimes build; some collect stones together to construct buildings, others demolish those that have been built [...] As for us, let us follow the earlier line of explanation, saying that the time to scatter and to collect stones is in the sense recorded in the Gospel: "God is able from these stones to raise up children to Abraham"; that is, that there was the time to scatter the Gentile population, and a time to gather them back into the church (JERÔNIMO, 2012, p. 57).

Contudo, ao fazer isso, ele acaba por esvaziar algumas passagens de um significado próprio. Isso fica ainda mais patente, quando se percebe que Jerônimo lê a mesma passagem logo em seguida, atribuindo um novo sentido. Um sentido que provavelmente não estivesse patente aos leitores de Eclesiastes antes da discussão paulina entre lei e graça:

In one book (but using the Septuagint version: "A time to throw stones and a time to pick them up") I read that the severity of the old law was tempered by the grace of the Gospel: that is, the law, stiff, unkind, and unmerciful, kills the sinner, but the grace of the Gospel has pity and summons him to repentance; and that is what the time for throwing stones or picking them up means, as they are thrown in the law, but picked up in the Gospel (JERÔNIMO, 2012, p. 57).

No entanto, há momentos em que ele usa o próprio AT para buscar o sentido espiritual. Assim, o tempo de abraçar ou não (Ec 3.5) é interpretado a partir de Provérbios 4.8:

However, if we wish to rise to the higher sense, we shall see that wisdom embraces those who love it—“Honor her,” he says, “and she shall embrace you” [...] Further, the human mind cannot always be aiming at the sublime and thinking of higher, divine things, nor be constantly in contemplation of the heavenly, but must sometimes allow for physical needs; that is why there is a time to embrace wisdom and to hold her more tightly, and a time to relax the mind from the contemplation and embrace of wisdom, so that we may attend to the care of our bodies and to the necessities of our life, short of sin (JERÔNIMO, 2012, p. 58).

Curiosamente, Jerônimo não relaciona a sabedoria à Cristo, com base em Provérbios 8 (o que seria comum à época), ou mesmo de 1Coríntios 1.24. Ou ainda como fez em seguida: “the greater help is that of Wisdom—that is, of our Lord Jesus Christ” (JERÔNIMO, 2012, p. 59). Ainda assim, não parece que Jerônimo faça um uso indiscriminado da alegoria. Voltando para Eclesiastes 3.5, poderia mesmo ser indevido dizer que há momentos em que se deve deixar a pessoa de Cristo e outros em que se deva se voltar a ele, como parte da rotina cristã. Então, Jerônimo aplica Eclesiastes 3.5 a vida devocional e sua contradição (na perspectiva de Jerônimo) das demandas da vida física.

Desta forma, Jerônimo parece muitas vezes ignorar completamente o sentido que a passagem teria para os primeiros leitores, utilizando-se dela de maneira contraditória em relação à leitura mais óbvia de uma passagem. Assim, parece que os leitores originais de Isaías 6 deveriam esperar até o advento de Cristo, para poderem compreender a perícopé. Pois o único sentido espiritual, e, portanto, proveitoso, seria esse. Da mesma forma, é de se perguntar: como Jerônimo interpretaria a citação de Eclesiastes, caso os pelagianos nunca tivessem surgido? Ou o texto de Amós, se Eustochium fosse uma mulher casada? Embora questões como estas fiquem sem resposta, é claro que o sentido literal de outra perícopé poderia ser usada, caso o sentido literal fosse visto como tão válido quanto o espiritual.

No entanto, seria impróprio não considerar a revelação plena das Escrituras como uma referência mesmo ao sentido literal. Pois uma vez que se considere o sentido literal, ou mesmo o “claro” (como na Reforma), este sempre será coerente com o todo da Escritura. Assim, a exegese é enriquecida, quando uma passagem é interpretada e confrontada tendo em vista outras que contenham contextos ou temas semelhantes.

Conclusão

Podemos concluir que Jerônimo contribuiu com um propósito para a alegoria: tanto defender a unidade da revelação contra as heresias que a deturpam, quanto aplicar textos antigos a leitores recentes. Nisso, ele se coloca como parte de uma comunidade hermenêutica. No entanto, sua limitação maior é a de diminuir as possibilidades de interpretação e aplicação do sentido literal, sobretudo aos primeiros leitores do AT.

Certamente, o uso da alegoria por Jerônimo leva a um esvaziamento do sentido literal. Isto mostra que na abordagem alegórica um aspecto desvantajoso em comparação às abordagens mais atuais como o método histórico-gramatical e às abordagens críticas. No entanto, há alguns princípios subjacentes à abordagem de Jerônimo que ainda devem ser considerados hoje: a unidade das Escrituras, a progressão da revelação, a sã doutrina e a importância de se procurar aplicações e implicações de uma passagem para as necessidades dos interlocutores.

De fato, a alegoria não é a melhor abordagem hermenêutica na maioria das passagens, devido, sobretudo, ao gênero literário das mesmas. Contudo ler uma perícopes a partir de uma revelação plena e respeitando seu progresso ao longo das Escrituras foi uma postura utilizada tanto para se defender a sã doutrina, quanto para se aplicar as Escrituras interlocutores “contemporâneos”. Certamente, esse mesmo cuidado deveria nortear o estudo e a exposição bíblica em todas as épocas. Pois “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16-17, ARA).

Por isso, se a alegoria não for a abordagem mais adequada ao texto em questão, ainda assim a unidade das Escrituras, a sã doutrina, a progressão da revelação e a finalidade das Escrituras na vida do cristão devem ser princípios hermenêuticos subjacentes a toda prática exegética em quaisquer épocas e contextos.

Finalmente, seria interessante analisar outras práticas hermenêuticas dos Ocidentais. Nem todos eles recorreram à alegoria. De modo que alguns como Pelágio a evitaram completamente. Enquanto outros seguiram a tipologia ou trabalharam com a alegoria de modo diferente (como Ticônio e Ambrosiastro). E ainda houve aqueles que associaram a alegoria a outras abordagens que valorizavam mais o uso da razão e o sentido literal, como foi o caso de Agostinho. Certamente, essa riqueza de proposições pode tanto mostrar as tendências da

época, como também trazer mais elementos para moldar a hermenêutica e exegese contemporâneas.

Referências bibliográficas

BRAY, G. *História da interpretação bíblica* (São Paulo: Vida Nova, 2017).

CHILDS; B.S. *The struggle to understand Isaiah as Christian Scripture* (Grand Rapids: Eerdmans, 2004).

JERÔNIMO. *Commentary on Ecclesiastes* (Mahwah: The Newman Press, 2012), *Ancient Christian Writers*, p. 57

_____. *Commentary on Isaiah: Including St. Jerome's Translation of Origen's Homilies 1–9 on Isaiah*. Tradução Thomas P. Scheck (Mahwah: The Newman Press, 2015), *Ancient Christian Writers*.

SCHAFF, P.; WACE, H., orgs. *St. Jerome: Letters and select works*. Tradução W. H. Fremantle; G. Lewis; W. G. Martley (Nova Iorque: Christian Literature Company, 1893), *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Segunda Série*, v. VI.

WILKEN, R.L.; CHRISTMAN, A.R., HOLLERICH, M.J., orgs. *Isaiah: Interpreted by Early Christian and Medieval Commentators*. Tradução R.L. Wilken, A.R. Christman, e M.J. Hollerich (Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2007), *The Church's Bible*.



Marcelo Luiz Tavares

Sobre o autor

Psicólogo pela USP de Ribeirão Preto (2004-2008), bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (2011-2014). Atuou na Aliança Bíblica Universitária do Brasil, foi professor de Teologia Bíblica e de Cosmologia Cristã no Instituto Bíblico de Itapeva (2023) e atualmente pastoreia a Igreja Presbiteriana de Angatuba, em Angatuba-SP, conselheiro bíblico e é mestrando no STM do Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper.

O papel da meditação na formação do imaginário puritano: uma análise em *O Peregrino*

Emanuel Malinoski



1. Introdução

No cenário literário e teológico do século 17, uma obra singular emergia, destilando os ideais e os anseios de um movimento religioso que se enraizava na Inglaterra: *O Peregrino* de John Bunyan. Este épico alegórico cujas páginas são entrelaçadas com as vicissitudes de Cristão em busca da redenção divina, transcendendo sua narrativa como uma janela para o imaginário puritano. Este imaginário, fortemente influenciado por um contexto religioso que demandava uma busca incessante pela santidade, encontrou na prática da meditação um caminho bíblico para a comunhão com Deus e um meio para desvendar as profundezas do divino.

O presente artigo se propõe a explorar e analisar o papel da meditação na construção desse imaginário puritano, revelando como a contemplação espiritual não apenas permeia as páginas de *O Peregrino*, como também molda a cosmovisão e o caráter dos protagonistas, consolidando-se como uma peça-chave na construção da identidade puritana.

1.1 Contextualização histórica e teológica da era puritana

A era puritana foi um período histórico que abrangeu aproximadamente o século 16 ao 17, marcado por um movimento religioso, social e político dentro do contexto da Reforma Protestante na Inglaterra e suas colônias na América do Norte. Os puritanos buscavam purificar a Igreja Anglicana das influências católicas remanescentes, desejando uma espiritualidade mais simples e austera, baseada na Bíblia. Eles enfatizaram a autoridade das Escrituras e uma vida piedosa centrada na relação direta com Deus.

Teologicamente, os puritanos eram calvinistas e por consequência enfatizavam a predestinação, a soberania de Deus e a total depravação humana. Eles acreditavam que a salvação era concedida apenas pela graça divina e essa crença influenciava profundamente suas práticas religiosas e o seu estilo de vida. A moralidade e a ética do trabalho eram características marcantes da sociedade puritana, que entendia que toda a vida deveria ser vivida diante de Deus.

Na Inglaterra, o período puritano foi marcado por conflitos entre os puritanos e os monarcas da dinastia Stuart, que tentavam impor formas de culto mais ritualísticas e hierárquicas. Essa tensão culminou na Guerra Civil Inglesa e na ascensão temporária do regime puritano liderada por Oliver Cromwell. Enquanto isso, na América do Norte, os puritanos estabeleceram colônias como na Baía de Massachusetts, onde buscaram criar uma sociedade baseada em seus princípios religiosos.

A era puritana também trouxe contribuições valiosas para a sociedade. Seu foco na educação levou à fundação de diversas instituições de ensino que ainda existem hoje, como as universidades de Harvard e Yale nos Estados Unidos. Além disso, sua ética de trabalho e busca pela excelência moldaram atitudes empreendedoras e a dedicação ao progresso. Foi J. I. Packer quem disse que:

Puritanos típicos não eram homens selvagens ou ferozes, monstruosos fanáticos religiosos ou extremistas sociais, mas pessoas sóbrias e conscienciosas, além de cidadãos cultos, pessoas de princípio, decididas e disciplinadas, excepcionais nas virtudes domésticas e desprovidas de grandes defeitos, exceto a tendência de usar muitas palavras ao dizer qualquer coisa importante, a Deus ou ao homem (PACKER, 2016).

A ênfase puritana na responsabilidade individual diante de Deus e da comunidade contribuiu para o desenvolvimento de uma ética de serviço e cuidado pelos necessitados.

Na literatura, os puritanos deixaram um legado notável, produzindo obras de profunda reflexão teológica e espiritual, além de narrativas que exploravam dilemas morais e a luta entre o bem e o mal. Autores como John Bunyan e Anne Bradstreet influenciaram a literatura posterior com suas obras que exploraram questões de fé, esperança e resiliência.

Portanto, a influência puritana, ajudou a moldar uma base de valores que ainda hoje são relevantes. Afinal, os puritanos eram:

Grandes almas servindo a um grande Deus. Neles, a paixão sóbria e a terna compaixão se combinavam. Visionários e práticos, idealistas e também realistas, dirigidos por objetivos e metódicos, eram grandes crentes, grandes esperançosos, grandes realizadores e grandes sofredores (PACKER, 2016).

Sua busca por uma vida piedosa, moral e compromissada com a comunidade deixou um legado remanescente que impactou não apenas a religião, mas também a educação, a ética profissional e a literatura, contribuindo para a riqueza cultural das sociedades que seguiram seus passos.

1.2 Apresentação da obra *O Peregrino de John Bunyan*

O Peregrino é uma obra clássica escrita pelo puritano John Bunyan e publicada pela primeira vez em 1678. A obra é uma alegoria espiritual que narra a jornada de um personagem chamado Cristão por meio da Cidade da Destruição até a Cidade Celestial. O livro é uma metáfora poderosa e inspirada na jornada da alma em busca da salvação e da transformação espiritual.

No início da história, o protagonista Cristão, após uma revelação de sua condição espiritual perdida, inicia uma jornada para escapar da Cidade da Destruição e encontrar o caminho para a Cidade Celestial, representando a busca da redenção e da paz interior. É reveladora a passagem em que Cristão diz preferir qualquer perigo: “Porque, senhor, este peso que carrego é mais terrível do que qualquer um desses horrores que mencionou. Eu não me importaria de enfrentá-los se conseguisse livrar-me deste fardo” (BUNYAN, 2014). Ao longo de sua jornada, Cris-

tão encontra uma série de personagens e obstáculos, cada um com seus próprios significados simbólicos, que representam os desafios e tentações que os crentes enfrentam ao longo de suas vidas.

Enquanto avança em sua jornada, Cristão passa por diversos lugares, como o Palácio Bonito, o Vale da Sombra da Morte e o Castelo da Dúvida, cada um com suas lições e ensinamentos espirituais. Ele também encontra companheiros de viagem, como o Fiel e o Esperançoso, que compartilham sua busca pela salvação. Ao longo da história, os personagens enfrentam adversidades, dúvidas e momentos de fraqueza, mas também experimentam momentos de graça e socorro.¹

Através de uma linguagem ricamente simbólica e uma narrativa envolvente, *O Peregrino* explora temas universais de fé, saber: a perseverança, o arrependimento e a esperança. A jornada de cristão e seus companheiros ressoa a leitores de todas as épocas, oferecendo percepções profundas sobre a natureza da espiritualidade e a busca pela verdadeira conversão. A obra continua sendo uma fonte de inspiração para os crentes e para qualquer pessoa interessada em explorar os desafios e triunfos da jornada de peregrinação cristã.

1.3 Objetivos e relevância da pesquisa

Uma pesquisa sobre o papel da meditação na formação do imaginário puritano em *O Peregrino*, de John Bunyan, visa aprofundar nossa compreensão das influências bíblicas e teológicas que moldaram a mentalidade dos puritanos do século 17. O estudo desse clássico literário permite desvelar como a prática da meditação, tão valorizada pelos puritanos, contribui para a construção de sua visão de mundo definida pela busca da pureza espiritual e pela intensa piedade pessoal. Ao investigar os trechos em que a meditação é retratada, podemos traçar paralelos entre as experiências contemplativas dos personagens e a retidão moral que os puritanos buscavam alcançar.

Além disso, a pesquisa busca explorar como a meditação representada na obra influenciou a percepção da jornada espiritual. Ao analisar os momentos em que os personagens se envolvem na meditação, podemos identificar como essa prática contribuiu para o desenvolvimento de sua espiritualidade e forta-

¹Bunyan retrata a batalha da peregrinação cristã com vívida realidade de quem está passando também por estas lutas.

lecimento sua determinação em enfrentar os desafios que surgem ao longo da narrativa. A pesquisa também visa destacar como a meditação, ao fomentar a introspecção e a comunhão com Deus, serviu como uma ferramenta essencial na construção da narrativa e na caracterização dos personagens.

Por fim, a investigação do papel da meditação na formação do imaginário puritano em *O Peregrino* lança luz sobre as interseções entre a teologia, a literatura e a piedade da época. Ao entender como a meditação era considerada uma prática espiritual crucial para os puritanos e como isso se reflete na obra de Bunyan, podemos enriquecer nossa análise da influência da fé e da mentalidade puritana na produção literária do período. Isso fornece uma visão mais profunda das motivações e valores que contribuíram tanto para os personagens da história quanto para a prática da piedade na era puritana.

2. Meditação na teologia puritana.

A meditação ocupa um espaço importante na teologia prática puritana. Puritanos eram homens graves e reverentes em sua relação com Deus e a meditação era o modo pelo qual adentravam as profundas grandezas de Deus e de sua Palavra. David Saxton lembra que “os reformadores e puritanos regularmente escreviam, ensinavam e exortavam o povo de Deus a uma vida de meditação (SAXTON, 2022)

2.1 Definição de meditação no contexto puritano

No contexto puritano, a prática da meditação ocupava um lugar central na vida espiritual dos crentes. Os puritanos buscavam uma conexão profunda com Deus e acreditavam que a meditação era um caminho para alcançar essa comunhão. Por meio da reflexão e da contemplação, eles se aproximavam das verdades espirituais e buscavam o aprofundamento de sua relação com o divino. Como afirma David. W. Saxton para os puritanos:

A meditação divina tem um valor multifacetado. Ela fornece discernimento espiritual; melhora nossa leitura da bíblia e vida de oração; aplica verdades gerais da bíblia pessoal e especificamente; fortalece nossos corações focando em verdades espirituais; e fornece o benefício duradouro de ficar refletindo sobre as verdades que conhecemos (SAXTON, 2022).

A meditação puritana era baseada na Palavra de Deus, na leitura e no estudo das Escrituras. Os puritanos dedicavam tempo diário para meditar sobre os ensinamentos bíblicos, buscando compreendê-los e aplicá-los em suas vidas. Por meio dessa prática, eles esperavam obter discernimento espiritual, revelação divina e fortalecimento da fé. Saxton lembra que “o primeiro ingrediente na meditação puritana era o uso sério da mente. Eles ensinaram que um crente deve pensar profundamente sobre um assunto bíblico” (SAXTON, 2022).

Essa forma de meditação também envolve uma autorreflexão profunda sobre os próprios pecados e a necessidade de redenção. Os puritanos encorajaram a introspecção e a análise crítica de seus pensamentos, palavras e ações, em busca de um maior autoconhecimento e de uma vida mais alinhada com a glória de Deus.

Apesar de um chamado a introspecção, em certo sentido, Saxton enfatiza que:

A meditação puritana nunca encorajou uma vida de contemplação inativa ou especulação teológica inútil. Pensar assim seria um sério mal-entendido da espiritualidade puritana. Para levar uma pessoa ao ponto de aplicação pessoal, prática e resolução, os puritanos ensinaram que a mente deve considerar corretamente as verdades da Palavra de Deus. Esclarecendo o uso da mente na meditação, Oliver Heywood escreveu: “Não é um mero exercício da mente e da memória sobre coisas boas, mas um operá-las sobre o coração, a impressão dessas coisas sobre a vontade e afetos; não é meramente especulativo, mas prático”. Bates advertiu: “Se nossa meditação for meramente especulativa, é apenas como um sol de inverno, que brilha, mas não aquece”. Essa crença na natureza prática da meditação bíblica é entrelaçada na própria tapeçaria do entendimento puritano (SAXTON, 2022).

Em resumo, a prática da meditação no contexto puritano tinha como objetivo promover a comunhão com Deus, aprofundar a compreensão dos ensinamentos bíblicos e buscar uma vida de piedade e retidão moral. Era vista como uma disciplina espiritual essencial para fortalecer a fé, obter sabedoria divina e moldar o caráter consoante aos valores bíblicos, para uma vida inteira refletir a glória de Deus.

2.2. Importância e propósitos da meditação para os puritanos.

A meditação bíblica ocupou um papel central na vida espiritual dos puritanos. Para os puritanos, a Bíblia era a fonte primordial de orientação divina e a medita-

ção constituía uma prática essencial para aprofundar o entendimento das Escrituras e cultivar uma comunhão mais profunda com Deus. Eles acreditavam que a meditação bíblica não apenas fortalecia sua fé, como também nutria a virtude e a piedade, fundamentando suas vidas em princípios teológicos, morais e éticos extraídos das Escrituras.

Foi David Saxton quem lembrou:

Uma grande parte de glorificar o Senhor e desfrutar dele é pensar pensamentos dignos de sua excelência e louvor [...] Oliver Heywood comentou: “Pensamentos santos formam grande parte da devoção de um cristão [...] Este exercício de pensamentos é, de fato, o caminhar de um cristão com Deus. É uma comunhão com Deus, um passeio no paraíso e desfrutar de Deus”. Willian Bridge pregou que era dever de crente meditar sobre o Senhor, e “quanto mais o coração de qualquer homem está cheio de meditação, mais recheadas suas palavras estarão dos louvores a Deus” (SAXTON, 2022).

O propósito da meditação bíblica para os puritanos é além do simples conhecimento intelectual. Eles buscavam uma aplicação prática das verdades bíblicas em sua vida cotidiana, acreditando que a Palavra de Deus tinha o poder de transformar não apenas a mente, como também o coração e o comportamento. Joel Beeke ressalta que “um obstáculo ao crescimento entre os cristãos de hoje é nosso fracasso em cultivar o conhecimento espiritual. Deixamos de dar tempo suficiente à oração e à leitura bíblica e temos abandonado a prática da meditação” (JONES, 2016).

A meditação era vista como um meio de internalizar os ensinamentos bíblicos, permitindo que eles moldassem a consciência e as ações dos indivíduos. Essa prática constante de reflexão sobre as Escrituras contribuiu para a formação de uma comunidade puritana fundamentada em princípios cristãos sólidos. A meditação bíblica também desempenhou um papel crucial na busca da santidade pessoal pelos puritanos. Eles consideraram a introspecção baseada na Palavra como uma ferramenta vital para a purificação espiritual e o combate contra as tentações do mundo.

Para os puritanos a tentação e pecado, sem vigilância e oração, andam juntos. Um leva ao outro. “Que nenhum homem, então, finja temer o pecado o qual não

teme a tentação a ele”, escreve Owen. “Eles são aliados muito próximos para serem separados”. Mas se pudermos diariamente manter vivos em nossos corações uma consciência de grande perigo do pecado para nossas almas, se, como Owen diz, “o coração for feito terno e vigilante aqui, metade do trabalho foi feito” (HEDGES, 2023).

Por este motivo a meditação ocupava uma posição tão importante nas práticas espirituais puritanas. Por meio da meditação, os puritanos procuram discernir a vontade de Deus para suas vidas e cultivar uma consciência sensível ao pecado. A prática constante da meditação alimentava a devoção individual e contribuía para uma comunidade coesa, no qual os membros experimentavam valores espirituais e se apoiavam mutuamente na jornada da fé.

2.3 Práticas e métodos de meditação na era puritana

Na era puritana, inúmeros pastores pregaram e escreveram sobre como meditar (Jones, 2016). Todo esse esforço visava à edificação de uma comunidade cristã piedosa, forte que nutria uma profunda comunhão com Deus. A essência da meditação puritana é a busca pela comunhão profunda com Deus por meio da introspecção e da reflexão sobre as Escrituras. Essa prática envolve métodos específicos que se alinham com os princípios bíblicos.

David Saxton ressalta que:

Os puritanos ensinaram que havia dois tipos de meditação — ocasional e deliberada. Ambos têm o propósito de elevar os pensamentos à verdade de Deus. A principal diferença entre as duas sendo que a meditação ocasional era espontânea enquanto a meditação deliberada era planejada (SAXTON, 2022).

A meditação ocasional era uma meditação curta, que ocorria de forma repentina e espontânea, em alguma ocasião do cotidiano quando se voltavam os pensamentos para Deus, de modo a contemplar sua dignidade e grandeza, bem como sua graça e bondade. Assim, diz Saxton: “a meditação ocasional usa qualquer experiência na vida para colher frutos espirituais — convertendo as atividades mundanas da vida em joias de pensamentos divinos” (SAXTON, 2022). Esse tipo de meditação é relativamente simples, e ocorre quando o crente se volta para a criação e contempla nela as marcas de seu Criador e, por isso, tem suas afeições afetadas.

Saxton ainda nos lembra que:

Os puritanos entenderam que Deus concedeu à humanidade três livros diferentes sobre os quais meditar — a Escritura, a consciência e a criação. Swinnock explicou: “Deus nos deu três livros, que deveríamos estar estudando enquanto estivermos vivos: o livro da consciência, o livro das Escrituras e o livro da criação; no livro da consciência podemos ler sobre nós mesmos, no livro da criação podemos ler sobre Deus, no livro das Escrituras podemos ler tanto sobre Deus quanto sobre nós mesmos (SAXTON, 2022).

Os puritanos, no entanto, consideravam a meditação deliberada mais importante do que a meditação ocasional. Esse tipo de meditação é planejado, tem hora marcada e um caminho específico a ser trilhado, tirando sempre seu conteúdo das páginas da Escritura Sagrada. As fontes da meditação intencional são basicamente quatro: as Escrituras, verdades práticas do cristianismo, sermões e as ocasiões providenciais (JONES, 2016). A meditação deliberada visava uma espécie de sequestro da alma, onde o crente fosse submerso nas realidades espirituais do evangelho, chegando a um estado de maravilhamento, que atingiria sua mente e coração, seu intelecto e volições.

A meditação deliberada era dividida em duas partes: a meditação direta e a meditação reflexiva. David Saxton ressalta que:

A meditação direta é usada para obter uma melhor compreensão bíblica sobre um tema, enquanto a meditação reflexiva é empregada para convencer o coração sobre a aplicação de um entendimento recém-encontrado. Como explicou Henry Scudder: “A primeira [meditação direta] é um ato da parte contemplativa do entendimento; a segunda [meditação reflexiva] é um ato da consciência. O propósito do primeiro é iluminar a mente com conhecimento; o fim do segundo é encher o coração de bondade” (SAXTON, 2022).

3. Imaginário puritano em O Peregrino

A obra de John Bunyan é uma rica fonte pela qual jorram os efeitos da meditação na formação do imaginário puritano. Ao percorrer junto de Cristão o caminho do peregrino, pode-se perceber como a meditação bíblica forma as impressões e

os afetos religiosos do autor. Desde sua saída da Cidade da Destruição, até sua chegada a Cidade Celestial, o que encontramos na jornada do Peregrino é o resultado do transbordar de uma mente saturada com a realidade divina por meio da meditação.

3.1 Descrição e análise

O Peregrino é uma obra literária escrita por John Bunyan, publicada e originalmente em 1678. A narrativa é uma alegoria cristã que segue a jornada espiritual de um personagem chamado Cristão, que empreende uma viagem épica em busca da Cidade Celestial. Bunyan nos introduz a história de um homem, sobre quem ele diz:

Vestido com trapos imundos, de pé em certo lugar, e o seu rosto estava voltado em direção à sua casa; ele tinha um livro em suas mãos e um grande fardo estava preso às suas costas. Eu olhei e o vi abrindo o livro, e lendo o que estava escrito nele. Ele começou a chorar e a tremer, e não foi capaz de se conter por muito tempo, iniciando um grande clamor, e dizendo: “O que devo fazer?” (BUNYAN, 2014).

Pinta-se a vívida imagem de um pecador que se tornou consciente de seu pecado. Um homem vestido de seus deméritos, carregando consigo o pesado fardo de seus pecados, lamentando profunda e dolorosamente a sua condição. Ele carrega um livro, o melhor de todos os livros, e ao ler seu conteúdo tem sua alma desnuda diante de si, não podendo se conter. A sua condição rompe-se diante dele. Este é o tom dado por toda a obra de Bunyan.

Em sua obra, os quadros fruto de sua profunda meditação nas Escrituras e nas doutrinas centrais da fé, são pintados de forma magnífica. Cada passo do Cristão é um novo elemento de sua caminhada cristã. Sua jornada é uma descrição vívida da jornada de todos os eleitos, que vai do grito de dor, quando se percebem na Cidade da Destruição, à expressão de louvor, quando finalmente vislumbram a Cidade Celestial.

Bunyan relata como o Espírito Santo conduz seu povo em segurança até a Cidade Celestial. O contraste claro é estabelecido no fim da obra quando Cristão é recebido nos portões da Cidade Celestial, não mais desesperado por seu estado de miséria, mas sim, transformado pela profunda obra do Espírito:

O Rei ordenou, então, que abrissem os portões, “Abram as portas para que entre a nação justa, a nação que se mantém fiel”. E eu vi em meu sonho que aqueles dois homens seguiram até o portão e de repente, à medida que entraram pelos portões, foram transfigurados; tiveram suas roupas transformadas e elas começaram a brilhar como ouro. Também receberam coroas em suas cabeças e harpas em suas mãos. As harpas foram dadas para a adoração e as coroas em sinal de honra. Ouvei todos os sinos da cidade tocando em sinal de alegria e era isto que a música deles dizia, “Venha e participe da alegria do seu Senhor. Também ouvi que os dois homens cantavam com grande voz,” “Ao que está assentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos, amém” (BUNYAN, 2014).

3.2 Elementos do imaginário puritano presentes na obra.

O puritanismo era essencialmente “calvinista” em sua forma de pensar. Estavam profundamente comprometidos com as doutrinas sobre a depravação do homem, a graça eletiva de Deus, o poder preservador do Espírito Santo, a necessidade da igreja e da comunhão cristã, bem como o anseio constante pela glória futura. Estes aspectos e muitos outros podem ser claramente vistos na construção narrativa da obra de John Bunyan.

Pode-se ver os elementos do imaginário religioso puritano praticamente em cada nova linha escrita. O retrato inicial do homem vestido de trapos imundos, e se desesperando ao ler o conteúdo do livro, revelam a doutrina da depravação total, que apresenta a realidade da pecaminosidade humana. Bunyan pinta vividamente o quadro de alguém que se deparou com a realidade da ira vindoura e do juízo sobre os pecadores. Unindo-se a isso, pode ser percebido a clara relação do trabalho de Evangelista com a doutrina do Chamado Eficaz, que afirma que Deus chama para si pecadores eficazmente por meio da pregação do evangelho.

Os desdobramentos imaginativos da obra são fascinantes por serem fruto de profunda meditação nas verdades da Escritura. Outro elemento do imaginário puritano que pode ser visto na obra é o contínuo poder do Espírito Santo preservando seu povo. Essa realidade fica especialmente visível quando Cristão é deixado sozinho para afundar no Pântano da Desconfiança, até que acaba por ser resgatado por um homem cujo nome era Auxílio. Bunyan descreve incrivelmente a

obra do Espírito estendo sua graça onipotente para socorrer aqueles que estão em aliança com Deus por causa de Cristo. Até mesmo quando Cristão encontra com Intérprete, a imagem proposta é do Espírito Santo guiando seu povo ao revelar a verdade da Escritura Sagrada.

A importância dos oficiais da igreja e o que os puritanos acreditavam sobre o ministério pastoral pode ser vividamente percebido, quando Intérprete faz questão de mostrar a Cristão o quadro de um homem solene e majestoso. O retrato que se apresenta é o seguinte:

O quadro o mostrava assim: olhos erguidos aos céus, o melhor dos livros em sua mão, e a lei da verdade escrita em seus lábios; dando as costas ao mundo e ele em pé, como se argumentasse com os homens e com uma coroa de ouro que pendia de sua cabeça [...] O homem do quadro é um dos milhares. Ele pode, como disse o apóstolo Paulo, gerar filhos espirituais, entrar em trabalho de parto por eles e cuidar deles quando nascem. Esta é a razão de estar com os olhos levantados para os céus. O melhor dos livros em suas mãos, e a lei da verdade em seus lábios, é para mostrar que o trabalho dele é conhecer e revelar as coisas obscuras aos pecadores, e por isso está em pé como se falasse com os homens para convencê-los. O mundo atrás de si e a coroa pendente de sua cabeça significam que, desprezando as coisas deste mundo por amor daquele que é o seu Mestre, com certeza receberá sua recompensa em glória no mundo vindouro (BUNYAN, 2014).

Pode-se destacar ainda a primazia das Escrituras para a firmeza da fé, quando Cristão e seu companheiro de peregrinação Esperançoso acabam presos no Castelo da Dúvida, e estão sendo castigados pelo Gigante Desespero. O que os liberta é a Chave da Promessa. Essa imagem reflete a crença puritana na suficiência das Escrituras para tratar as feridas da alma de crentes em dúvida e desespero. Puritanos eram conhecidos como médicos da alma e sua ferramenta principal era a Escritura Sagrada.

A importância da igreja e da comunhão cristã pode ser vista na obra pela presença constante de companheiros na caminhada de Cristão. Fiel, seu amigo martirizado na Feira das Vaidades, Esperançoso, Boa Vontade e os Pastores da Montanha das Delícias, todos figuram de alguma maneira a realidade bíblica de que a vida cristã é uma vida em comunidade, não individualista.

3.3 Relação entre a meditação e a construção do imaginário puritano

A relação intrincada entre meditação e a formação do imaginário puritano no contexto da história religiosa e cultural da Europa e da América do Norte no século 17 é digna de profunda análise. Os puritanos, com sua abordagem austera e devota à religião, valorizavam a introspecção e a reflexão espiritual como meio de comunhão com o Deus Trino. A vigilância e a meditação desempenharam um papel essencial na vida cotidiana dos puritanos, permitindo-lhes explorar sua relação com Deus e com o mundo que os rodeava de maneira profunda e pessoal.

Por meio da meditação, os puritanos buscavam purificar suas almas, consolidando afeições religiosas e uma forte comunhão com Deus. A prática da meditação os conduzia a um estado de consciência contemplativa, onde pudessem refletir sobre questões morais e espirituais. Essa experiência de interiorização contribuiu para a formação de um imaginário puritano marcado pela noção de que toda a sua vida era vivida diante de Deus.

O imaginário puritano, enraizado na meditação e na introspecção, influenciou não apenas a esfera religiosa, mas também teve repercussões significativas na construção da sociedade e da cultura das colônias puritanas na América do Norte. Por levarem sua vida diante de Deus a sério, e perceberem pela profunda meditação bíblica que tudo deveria redundar em glória para Deus, o impacto da meditação no imaginário puritano resultou em um impacto social. A visão do mundo puritana, moldada por sua prática meditativa, permeou a ética de trabalho, a educação, a literatura e as relações sociais. Em última análise, a meditação desempenhou um papel fundamental na formação do imaginário puritano, tornando-se um pilar da experiência espiritual e cultural que moldou o desenvolvimento das colônias puritanas e, por extensão, a história dos Estados Unidos. Beeke lembra que “para os puritanos, a meditação exercitava tanto a mente quanto o coração; aquele que medita aborda um tema com seu intelecto, bem como com suas emoções” (JONES, 2016).

Por investirem tempo meditando em sua vida diante da realidade transcendente de Deus, absolutamente tudo que os puritanos faziam eram fruto de uma imaginação permeada pelas Escrituras. Isso necessariamente os levou a pensar sobre família, política, educação, cuidado aos necessitados e trabalho de maneira mais ampla. David Saxton ressalta:

Não admira que seja assim! As Escrituras são de autoria do Deus eterno, aquele que criou bilhões de galáxias. Devemos esperar encontrar esse tipo de amplitude em sua Palavra Escrita. Há uma qualidade na Bíblia que pode afogar um estudioso em suas profundezas do conhecimento; ainda, ao mesmo tempo, as Escrituras permitem que uma criança caminhe ao longo de seus litorais e entenda sua simples verdade (SAXTON, 2022).

Nota-se que a perspectiva puritana de família é notável por suas virtudes arraigadas em princípios religiosos e morais. Para os puritanos, a família era considerada uma instituição sagrada, onde a devoção a Deus e a obediência aos preceitos divinos eram valores inabaláveis. O casamento, nessa visão, era visto como um compromisso divinamente abençoado, cuja fidelidade conjugal era um testemunho da força dos laços familiares. O cultivo da educação religiosa e ética dos filhos era prioridade máxima, com os pais desempenhando o papel de mentores zelosos, transmitindo sabedoria espiritual e ensinamentos morais de geração em geração.

Leland Ryken lembra que o propósito último da família para os puritanos é glorificar a Deus para os puritanos:

O que há de importante em enxergar o propósito da família como a glória de Deus? A longo prazo, ele determina o que acontece com a família. Fixa as prioridades numa direção espiritual em vez de material. Isso determina o que uma família faz com o seu tempo e como gasta seu dinheiro (RYKEN, 2013).

Além disso, a família puritana era um alicerce sólido da comunidade, onde solidariedade, apoio mútuo e coesão social eram incentivados. O ambiente familiar proporcionava um senso de segurança, estabilidade e valores compartilhados. Em resumo, a família puritana era notável por sua profunda devoção à fé, pela ênfase na educação moral e religiosa e por ser um pilar inabalável da coesão e moralidade na comunidade. Essas qualidades sustentavam o tecido social e moral das comunidades puritanas, servindo como um exemplo de compromisso e integridade.

4. Conclusão

Em síntese, a análise profunda de *O Peregrino*, de John Bunyan, revela o papel preponderante da meditação no forjamento do imaginário puritano, elu-

cidando os meandros de uma fé intrinsecamente ligada à reflexão espiritual. Neste épico alegórico, a prática da meditação emerge como um farol que ilumina o caminho que construiu os protagonistas em sua busca pela santidade e redenção. Ela transcende meros devaneios introspectivos, constituindo-se como uma ponte que liga os crentes ao divino, conferindo discernimento espiritual e fortalecendo os laços que os puritanos ansiavam estabelecer com seu Criador.

Ademais, a influência da meditação sobre o imaginário puritano se traduz na re- apresentação de personagens que são retratados como mais virtuosos e alinhados aos princípios divinos. Este fenômeno não apenas moldou a visão dos puritanos sobre si mesmos, mas também serviu como um espelho moral para a sociedade da época. A meditação personificou o ideal puritano, refletindo a busca constante pela pureza, retidão e comunhão com o divino, valores que ecoaram não somente na literatura de Bunyan, como também na forma como os puritanos moldaram a sociedade e sua ética religiosa.

Portanto, é inegável que a meditação desempenhou um papel fundamental na formação do imaginário puritano, alçando-se como um instrumento de transcendência espiritual, uma força motriz que impulsionou os puritanos em direção à santidade e à busca incessante por uma comunhão mais profunda com Deus. Em *O Peregrino*, John Bunyan não apenas capturou a essência dessa prática espiritual, mas a cristalizou como um pilar central na construção da identidade puritana. Por meio da meditação, os puritanos encontraram um refúgio para suas almas inquietas e, assim, legaram a posteridade não apenas uma obra literária memorável, mas um testemunho vívido de sua devoção à fé e à contemplação espiritual.

Referências bibliográficas

BUNYAN, J. *O Peregrino* (Rio de Janeiro: BV Books, 2014).

HEDGES, B. G. *Vigilância: recuperando a disciplina espiritual perdida* (Brasília: Éden Publicações, 2023).

JONES, J. B. e M. *Teologia Puritana: uma doutrina para a vida* (São Paulo: Vida Nova, 2016).

PACKER, J. I. *Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida Cristã* (São José dos Campos: Fiel, 2016).

RYKEN, L. *Santos no mundo: os puritanos como realmente eram* (São José dos Campos: Fiel, 2013).

SAXTON, D. W. *O plano de Deus para a batalha da mente: a prática puritana da meditação bíblica* (Brasília: Éden Publicações, 2022).



Emanuel Malinoski

Sobre o autor

É pastor fundador da igreja Em Reforma Igreja Cristã. Ele é casado com Lara, pai de Timóteo e Maria. É formado em Teologia pelo Seminário Martin Bucer. Pós-graduado em Educação Cristã Clássica pela Faculdade Cidade Viva. Fez especialização em Educação Clássica pelo Instituto Hugo de São Vitor. Atualmente mestrando em divindade pelo Seminário Martin Bucer.

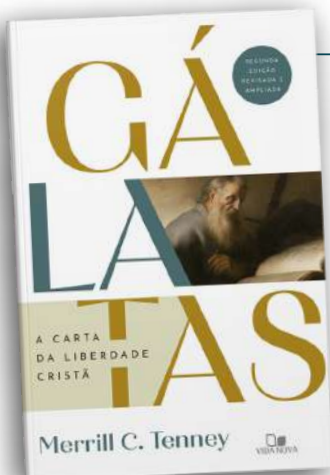
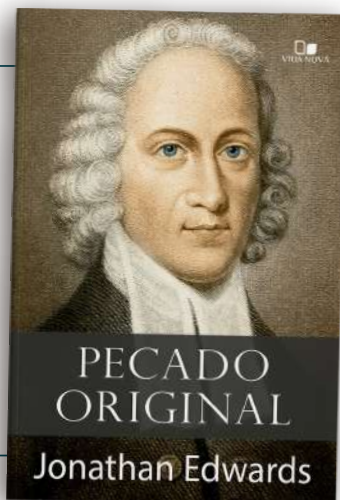
Lançamentos

Pecado original

Jonathan Edwards | 16x23 cm | 304 p.

Edwards, com base em extensa pesquisa bíblica e raciocínio filosófico, refutou todos os argumentos de seus críticos, sobretudo no tratado de John Taylor. A obra fornece uma defesa convincente da doutrina do pecado original, que é central para a teologia cristã, além de iluminar seu significado e importância aos cristãos.

O público de língua portuguesa tem agora à sua disposição um grande livro, fundamental à saúde da teologia da igreja.



Gálatas: a carta da liberdade cristã

Merrill C. Tenney | 14x21 cm | 208 p.

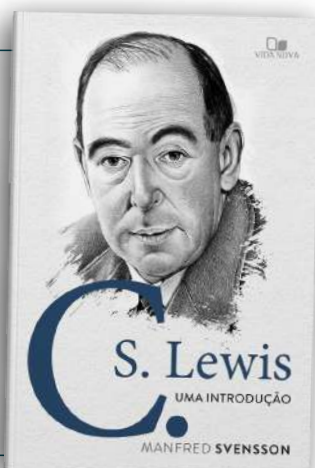
Um comentário de um livro específico da Bíblia normalmente emprega um dos vários métodos possíveis de estudo. Mas nesse envolvente estudo da Carta aos Gálatas, Merrill C. Tenney fornece ao leitor uma análise concisa e compreensiva ao dedicar para cada capítulo um dos dez métodos do estudo bíblico:

Sintético, crítico, biográfico, histórico, teológico, retórico, tópico, analítico, comparativo e devocional.

C. S. Lewis: uma introdução

Manfred Svensson | 14x21cm | 272 p.

Esta introdução apresenta o intelectual multifacetado, empenhado de maneira franca nos debates contemporâneos. Ao recorrer a uma vasta gama de fontes, incluindo cartas e artigos de jornal, bem como textos famosos como *Os quatro amores* e *Cristianismo puro e simples*, ela nos mostra o pensador moral e político na tentativa de “recuperar o encanto do mundo”. O resultado é um perfil lúcido que permitirá ao leitor não só se aproximar de uma das principais figuras do mundo literário do século 20, mas também descobrir o quanto Lewis tem a dizer à sociedade atual.



Teologia natural - Vos

Geerhardus Vos | 14x21 cm | 192 p.

Reunidas a partir de fontes encontradas nos arquivos do Heritage Hall no Calvin Theological Seminary, essas são as notas de aula mais antigas de Vos sobre teologia natural. Elas demonstram seu entendimento de abordagens ortodoxas reformadas, bem como um conhecimento extenso de desenvolvimentos contemporâneos no tema. A presente obra poderia ser considerada, e talvez tenha constituído, uma introdução parcial a *Reformed dogmatics*, uma vez que esta não possui prolegômenos, além de ser uma análise da religião e das provas da existência de Deus.



A morte da morte na morte de Cristo

Tratado sobre a redenção e a reconciliação presentes no sangue de Cristo

John Owen | 16x23 cm | 416 p.

Nesse clássico puritano, John Owen examina a expiação de Cristo de uma forma abrangente e clara. É considerado por muitos como o melhor livro já escrito sobre a expiação de Cristo. Owen vai além da compreensão calvinista muitas vezes polêmica acerca da expiação limitada. Ele destaca que a obra de Cristo na cruz foi perfeita e que o propósito do Deus triúno é glorificar a si mesmo e salvar os pecadores.

Poderes das trevas

Principados e potestades nas cartas de Paulo

Clinton E. Arnold | 14x21 cm | 352 p.

Esse é um livro raro que desenvolve uma teologia bíblica equilibrada sobre demônios, principados e potestades. Clinton Arnold procura focar nas cartas de Paulo, especificamente no que elas ensinam sobre esse tema. Ademais, visando ampliar o quadro sobre esse assunto, ele investiga as crenças gregas, romanas e judaicas do século 1 e também a perspectiva de Jesus sobre magia, feitiçaria e adivinhação.

